

Maria carolina Simões Neves nº17992

Atitudes e Comportamentos Sexuais de Estudantes Universitários

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade Ciências da Saúde

Porto, Junho 2011

Maria Carolina Simões Neves nº17992

Atitudes e Comportamentos Sexuais de Estudantes Universitários

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade Ciências da Saúde

Porto, Junho 2011

Maria Carolina Simões Neves nº17992

Atitudes e Comportamentos Sexuais de Estudantes Universitários

Atesto a originalidade

(Carolina Neves)

“ Projecto de Graduação apresentado
à Universidade Fernando Pessoa
como parte dos requisitos para obtenção
do grau de Licenciatura em Enfermagem
do corrente ano de 2010/2011”

Folha de Siglas

OMS – Organização Mundial de Saúde

PRE – Permissividade Sexual

PRA – Práticas Sexuais

COM – Comunhão

Sumário

Antigamente existia a crença de que a sexualidade se aprendia com a própria vida quotidiana nas interacções amorosas, sendo desnecessária e indesejável a intervenção de profissionais. Contudo, nas últimas décadas, como resultado de um conjunto de profundas transformações na sociedade, a sexualidade humana tem vindo a acompanhar esta constante evolução. Actualmente, a sexualidade deixou de ser um tabu e é vista essencialmente como uma dimensão lúdica da vida, ou seja, não só como necessidade de satisfação física ou da descarga energética de que nos falava Freud ou Reich, mas como um campo de expressão da totalidade humana, no que diz respeito ao corpo, emoções, desejos, fantasias, significações e relacionamentos. Vivemos actualmente uma época de permissividade em matéria de moral sexual (Reiss, 1990), onde há uma maior liberalização dos costumes sexuais, o que conseqüentemente leva a uma modificação de atitudes e comportamentos dos jovens, que se tornam sexualmente activos cada vez mais cedo, adoptam estilos de vida de risco e pouco saudáveis.

O comportamento sexual dos jovens é um comportamento que procura significados, sendo a experiência sexual algo que se constrói progressivamente, no decurso da adolescência, sob a influência de normas mutáveis. Por sua vez, as atitudes são predisposições comportamentais adquiridas (Lima, 1997), que determinam em larga medida os comportamentos sexuais. Como tal, o tema deste projecto é, “Atitudes e Comportamentos Sexuais de Estudantes Universitários”.

Este estudo é do tipo quantitativo, descritivo-correlacional, tendo sido utilizado um questionário aplicado a uma amostra de 60 alunos da Universidade Fernando Pessoa, do 1ºano e 4ºano, do curso de Licenciatura em Enfermagem.

Após a análise dos dados, os participantes deste questionário demonstraram a valorização de práticas positivas e responsáveis quanto a sexualidade. Contudo, o sexo masculino demonstrou ser mais permissivo e liberal nestas atitudes e comportamentos, em comparação com o sexo feminino. Foram ainda, os alunos do 1ºano que provaram

ser mais permissivos no modo como encaram os seus envolvimento sexuais relativamente aos do 4ºano.

Em relação ao ambiente familiar concluiu-se que, quanto mais este promove a proximidade afectiva e autonomia em termos de responsabilização, menor serão os níveis de permissividade sexual nos jovens.

Quanto às diferenças entre grupos que tiveram formação sobre sexualidade no ensino secundário ou não, os resultados não demonstram quaisquer diferenças no que toca às atitudes e práticas sexuais.

Abstract

Formerly there was the belief that sexuality is learned with their everyday life in the loving interactions, being unnecessary and unwelcome intervention of professionals.

However, in recent decades, as a result of a set of profound transformations in society, human sexuality has been following this constant evolution. Currently, the sexuality is no longer a taboo and is seen essentially as a playful dimension of life, i.e. not only as the need for physical satisfaction or discharge of energy that we talked about Freud or Reich, but as a field of expression of all human, with respect to the body, emotions, desires, fantasies, meanings and relationships. We are currently experiencing an era of permissiveness in matters of sexual morality (Reiss, 1990), where there is a greater liberalization of sexual mores, which consequently leads to a modification of attitudes and behaviors of young people who become sexually active at a time earlier, adopt risk lifestyles and unhealthy.

Young people's sexual behavior is a behavior that looks for meanings, being the sexual experience something that builds progressively during adolescence, under the influence of changing standards. In turn, attitudes are behavioral predispositions (Lima, 1997), which determine to a large extent the sexual behaviors. As such, the theme of this project is, "Sexual attitudes and behaviors of University students".

This study is of type descriptive, quantitative-correlational study, having been used a questionnaire applied to a sample of 60 students at the University Fernando Pessoa, 1 year and 4 year degree course in nursing.

After analyzing the data, the participants in this questionnaire have demonstrated the value of positive practices and responsible sexuality. However, the males proved to be more permissive and liberal in these attitudes and behaviors, compared with females. Yet, the students of 1st year that proved to be more permissive in how they view their sexual entanglements for the 4th year.

In relation to the family environment it was concluded that the more this promotes affective closeness and autonomy in terms of accountability, the child shall be the levels of sexual permissiveness in young people.

Regarding the differences between groups who have had training on sexuality in secondary education or not, the results do not show any differences regarding sexual practices and attitudes.

Agradecimentos

Á Professora Alice Martins por ter aceitado fazer parte deste projecto comigo, disponibilizando o seu tempo e atenção.

Ao Romeu por continuar a fazer parte da minha vida e me receber sempre cheio de saudades com um sorriso e umas cambalhotas.

A todos os meus colegas, amigos e enfermeiros/as com quem tive o prazer de trabalhar, que me foram colocando obstáculos em todo o meu percurso, que me fizeram “cair” e “levantar”, que me fizeram crescer tanto a nível profissional como pessoal e que estiveram e muitos deles sei que vão continuar a estar disponíveis para mim. Um muito obrigado pelo vosso carinho.

Às duas pessoas que me conhecem melhor que eu mesma, que me acompanharam durante os meus quatro anos de curso e que preencheram um lugar enorme no meu coração, Vanessa Melo e Natalia Frade.

Á Tânia Marques, por teres aparecido e continuares sempre ao meu lado.

Aos meus avós cuja vontade de me ver formada sempre foi uma constante nas suas vidas.

E por ultimo, e o mais especial, à pessoa a quem devo tudo o que tenho e sou hoje, quem sempre acreditou em mim mesmo quando eu própria não acreditava, obrigado Pai.

Índice

Introdução.....	14
I. Fase Conceptual.....	16
1. Tema de Investigação.....	16
2. Pergunta de Partida.....	17
3. Questões de Investigação.....	17
4. Objectivos de Estudo.....	18
4.1. Objectivos Gerais.....	18
4.2. Objectivos Específicos.....	18
5. Enquadramento Teórico.....	19
5.1. Caracterização do Jovem Adulto.....	19
5.2. Sexualidade.....	21
5.3. Influencia da Sociedade.....	24
5.4. Influencia Familiar.....	26
5.4.1. Importância Familiar para o Crescimento do Jovem.....	27
5.4.2. Funções da Família.....	29
5.4.3. Comunicação entre a Família e o Jovem.....	30
5.5. Educação Sexual.....	34
5.6. Distinção entre Atitudes e Comportamentos.....	39

5.7. Teorias Comportamentais de Desenvolvimento.....	43
5.8. Distinção entre “Género” e “Sexo”.....	45
5.8.1. Variável “Sexo”.....	47
5.8.2. Variável “Género”.....	48
5.9. Intervenções de Enfermagem na Sexualidade.....	50
II. Fase Metodológica.....	56
1. Tipo de Estudo.....	56
2. Definição de Variáveis.....	56
3. População em Estudo.....	57
4. Amostra.....	57
5. Método de Colheita de Dados.....	57
6. Instrumento de Colheita de Dados.....	58
7. Pré -Teste	59
8. Considerações Éticas.....	60
9. Método de Tratamento e Análise de Dados.....	62
III. Fase Empírica.....	73
1. Discussão de Resultados.....	73
Conclusão.....	79
Bibliografias.....	80

Índice de Tabelas

Tabelas		Pag.
Tabela 1	Testes de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov para as dimensões das duas escalas	63
Tabela 2	Características sócio-demográficas da amostra	64
Tabela 3	Experiências e formação sexuais da amostra	65
Tabela 4	Medidas descritivas para as dimensões das duas escalas	66
Tabela 5	Alpha de Crombach para as dimensões das duas escalas	67
Tabela 6	Correlação de Spearman para as dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais	68
Tabela 7	Correlação de Spearman para as dimensões da escala de percepções das atitudes e comportamentos parentais	68
Tabela 8	Estatísticas descritivas das dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais segundo o meio e Teste de Kruskal-Wallis	68
Tabela 9	Estatísticas descritivas das dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais segundo a existência ou não de formação sobre sexualidade no ensino secundário e Teste de Mann-Whitney	69
Tabela 10	Estatísticas descritivas das dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais segundo ter ou não relações sexuais no último mês e Teste de Mann-Whitney	70
Tabela 11	Estatísticas descritivas das dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais segundo a utilização ou não de preservativo e Teste de Mann-Whitney	70
Tabela 12	Correlação de Spearman entre a idade da primeira relação sexual e o número de relações sexuais no último mês e as dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais	70
Tabela 13	Correlação de Spearman entre as dimensões da escala de	71

	percepções das atitudes e comportamentos parentais e as dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais	
Tabela 14	Estatísticas descritivas das dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais segundo o sexo e Teste de Mann-Whitney	72
Tabela 15	Estatísticas descritivas das dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais segundo o ano e Teste de Mann-Whitney	72

Introdução

No âmbito da Licenciatura em Enfermagem, da Universidade Fernando Pessoa, foi proposto a realização do Projecto de Graduação, baseado na pesquisa e na procura de informação e reflexão, tendo como principais objectivos, a integração e a mobilização dos conhecimentos adquiridos, assim como, a aquisição de competências para posteriores trabalhos de investigação, utilizando a metodologia científica.

“A investigação é um processo sistemático de colheita de dados observáveis, a partir do mundo empírico, com vista a descrever, explicar, prever ou controlar fenómenos. Esta serve para definir parâmetros de uma profissão. Todas as profissões têm uma base científica para guiar a sua prática assegurando deste modo a sua credibilidade.” (Fortín, 2000)

No sentido da problemática que é a sexualidade, torna-se imprescindível procurar estudar e compreender as atitudes e comportamentos sexuais dos jovens, pelo crescente interesse que o conhecimento da sexualidade humana granjeia junto do público, em geral e da juventude, em particular, carentes de informação fidedigna sobre esta temática que as sociedades em geral na prática têm ignorado. Acresce, ainda, o facto de as questões da sexualidade assumirem actualmente um especial relevo para os técnicos de saúde e professores nas diversas funções em que intervêm.

Sendo assim, a questão central de investigação do meu estudo, “Perceber quais os conhecimentos sexuais dos estudantes da Licenciatura de Enfermagem, do 1ºano e do 4ºano, da Universidade Fernando Pessoa”, tendo como objectivos gerais, identificar as atitudes e comportamentos sexuais dos estudantes da Licenciatura de Enfermagem, do 1º ano e do 4º ano, da Universidade Fernando Pessoa, bem como identificar quais as variáveis que mais influenciam as atitudes e comportamentos sexuais dos estudantes da Licenciatura de Enfermagem, do 1º ano e do 4º ano, da Universidade Fernando Pessoa.

Este estudo é do tipo quantitativo, descritivo-correlacional, tendo sido utilizado um questionário aplicado a uma amostra de 60 alunos da Universidade Fernando Pessoa, do 1ºano e 4ºano, do curso de Licenciatura em Enfermagem.

Este projecto de graduação encontra-se dividido em quatro capítulos, o primeiro capítulo é referente à Fase Conceptual, onde se define o tema de investigação, a pergunta de partida, as questões de investigação, os objectivos do estudo e a revisão da literatura relacionado com o tema estabelecido. O segundo capítulo corresponde à Fase Metodológica onde se trata o tipo de estudo, o meio de estudo, as variáveis, a população em estudo, o processo de amostragem, bem como a colheita de dados e respectivas considerações éticas. No terceiro capítulo ou Fase Empírica, é apresentado o tratamento de dados através de quadros que permitem uma melhor compreensão dos resultados obtidos.

Após a análise dos dados, os participantes deste questionário demonstraram a valorização de práticas positivas e responsáveis quanto a sexualidade. Contudo, o sexo masculino demonstrou ser mais permissivo e liberal nestas atitudes e comportamentos, em comparação com o sexo feminino. Foram ainda, os alunos do 1ºano que provaram ser mais permissivos no modo como encaram os seus envolvimentos sexuais relativamente aos do 4ºano.

Em relação ao ambiente familiar concluiu-se que, quanto mais este promove a proximidade afectiva e autonomia em termos de responsabilização, menor serão os níveis de permissividade sexual nos jovens.

Quanto às diferenças entre grupos que tiveram formação sobre sexualidade no ensino secundário ou não, os resultados não demonstram quaisquer diferenças no que toca às atitudes e práticas sexuais.

I. Fase Conceptual

Para Fortin (1999, p.39), o termo conceptualizar, “Refere-se a um processo, a uma forma ordenada de formular ideias, de as documentar em torno de um assunto preciso, com vista a chegar a uma concepção clara e organizada do objecto em estudo. É necessário aprender a pensar, a colocar uma boa questão, a encontrar uma resposta e a verificar a validade desta resposta para que uma investigação chegue a bom termo.”

Segundo Fortin (1999), a fase conceptual inicia-se quando o investigador começa trabalhar uma ideia para orientar a sua investigação. Esta fase é uma fase crucial no processo de investigação, visto que a análise de uma situação problemática necessita de uma questão de investigação bem definida.

Assim sendo, durante a fase conceptual proceder-se-á à justificação do tema abordado, será feita referência à pergunta de partida, questões e objectivos de investigação e por fim será feita uma revisão da literatura.

1. Tema de Investigação

Tendo em conta as minhas relações junto dos estudantes universitários, os conhecimentos que adquiri e as experiencias que presenciei ao longo desta licenciatura, as quais me conferiram capacidades de avaliação de conhecimentos, interroguei-me acerca dos diversos factores que podem influenciar as atitudes e comportamentos sexuais dos jovens.

2. Pergunta de Partida

“ Uma questão de investigação é um enunciado interrogativo claro e não equívoco que precisa dos conceitos-chave, especifica a população-alvo e sugere uma investigação empírica”. (Fortin 1999, p.51)

A questão central de investigação do meu estudo será, “Perceber quais os conhecimentos sexuais dos estudantes da Licenciatura de Enfermagem, do 1ºano e do 4ºano, da Universidade Fernando Pessoa”.

3. Questões de Investigação

- Em que medida, as atitudes e comportamentos sexuais dos jovens, estão associadas à zona habitacional?
- Em que medida, as atitudes e comportamentos sexuais dos jovens, estão associadas à educação sexual que receberam anteriormente, relativamente à sexualidade?
- Em que medida, as atitudes e comportamentos sexuais dos jovens estão associadas às suas experiências sexuais?
- De que forma, as atitudes e comportamentos sexuais dos jovens, estão associadas ao contexto familiar?
- Quais as diferenças de atitudes e comportamentos sexuais entre os jovens do sexo feminino e do sexo masculino?
- Quais as diferenças de atitudes e comportamentos sexuais dos jovens, segundo o ano de curso que frequentam?

4. Objectivos do Estudo

“ O objectivo de um estudo é um enunciado declarativo que precisa das variáveis-chave, da população-alvo e da orientação da investigação”.

4.1. Objectivos Gerais

- Identificar as atitudes e comportamentos sexuais dos estudantes da Licenciatura de Enfermagem, do 1º ano e do 4º ano, da Universidade Fernando Pessoa;
- Identificar quais as variáveis que mais influenciam as atitudes e comportamentos sexuais dos estudantes da Licenciatura de Enfermagem, do 1º ano e do 4º ano, da Universidade Fernando Pessoa.

4.2. Objectivos Específicos

- Conhecer em que medida as atitudes e comportamentos sexuais dos jovens, estão associadas à zona habitacional.
- Conhecer em que medida, as atitudes e comportamentos sexuais dos jovens estão associadas à educação sexual que receberam anteriormente, relativamente a sexualidade?
- Conhecer em que medida, as atitudes e comportamentos sexuais dos jovens estão associados às suas experiências sexuais?
- Conhecer de que forma, as atitudes e comportamentos sexuais dos jovens, estão associados ao contexto familiar?
- Conhecer quais as diferenças de atitudes e comportamentos sexuais entre os jovens do sexo feminino e do sexo masculino?
- Conhecer quais as diferenças de atitudes e comportamentos sexuais dos jovens, segundo o ano de curso que frequentam?

5. Enquadramento Teórico

5.1. Caracterização do Jovem Adulto

É o período (20-45) em que este escolhe os seus caminhos ou estilos de vida e começa a andar independentemente; escolhe a sua carreira ou profissão e a intensidade com que ele quer prosseguir-la (PAPALIA et OLDS, 1978). Porém, a maioria dos jovens adultos enfrentam muitas dificuldades nas suas tentativas de abandonar os comportamentos pueris ou de adolescente (PIKUNAS, 1981).

Estes estão num período ainda de “moratória”, que é caracterizado pela existência de um processo activo de exploração e questionamento com o objectivo fundamental de preparação para o compromisso. Concretizando: o sujeito que pode ainda estar em pleno período crítico interroga-se e considera as diversas possibilidades, ou seja, os seus próprios desejos, os desejos dos pais; e as exigências sociais deparam-se-lhe, levando-o a assumir um compromisso. Em suma, é um período de interrogação.

É peculiar do jovem adulto decidir, respeitante aos estilos familiares, casar ou ficar solteiro, paternidade ou lar sem filhos, monogamia ou actividade sexual extra matrimonial – “a verdadeira estrutura da vida”. (DUTTON, 1976).

Formam grupos de amigos, desenvolvendo-se actividades de lazer, despendendo tempo em actividades cívicas e comunitárias.

Deixam a casa dos seus pais, decidem casar, para formar o seu próprio lar, tornando-se, deste “*modus essendi*”, social, psicológica e financeiramente independentes. Têm, nesta altura, a possibilidade para terem uma vivência de sintonia com os seus próprios valores independentes, isto é, o cordão umbilical com a tutela foi “cortado”, o que equivale a dizer que não sejam ainda influenciados pelos pais.

O jovem adulto é mais seguro no respeitante à sua própria identidade, mas, como é normal, está numa dinâmica de crescimento, desenvolvimento, a fim de conseguir as suas metas ou objectivos.

Pode perguntar-se: mas, então, quando começa a juventude? Segundo PAPALIA & OLDS (1978), o critério usual para considerar alguém um adulto é a sua capacidade para se manter a si próprio.

A sociologia da juventude, ela própria, tem vacilado, como veremos, entre duas tendências. Numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada “fase de vida”, prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogéneos que caracterizariam essa fase de vida – aspectos que fariam parte de uma “cultura juvenil”, específica, portanto, de uma geração definida em termos etários; Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc. Isto é, nesta tendência, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em diferentes situações sociais.

Se as culturas aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de partilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser próprios ou inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de “juventude”, como podem, também, ser derivados ou assimilados: quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente geracional da sociologia da juventude) quer, por exemplo, das trajectórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente classista). Aos diferentes sentidos que o termo “juventude” tem tomado e as manifestações de sentido contrário que entre os jovens é possível encontrar nos seus comportamentos quotidianos, nos seus modos de pensar e de agir, nas suas perspectivas em relação ao futuro, nas suas representações e identidades sociais – chamarei, em sentido lato, os paradoxos da juventude.

5.2. Sexualidade

A sexualidade, como todas as realidades complexas, não pode ser definida a partir de um único ponto de vista ou uma só ciência. O que na actualidade se sabe sobre a sexualidade é o resultado de múltiplas aproximações feitas a partir de diferentes ciências.

Nos últimos anos, tem-se assistido a algumas alterações. Na área da sexualidade valoriza-se o prazer, a experimentação e até alguma transgressão: admite-se todo o tipo de comportamentos sexuais, desde a homossexualidade à masturbação. O sexo passou a ter sentido por si mesmo, pelo prazer que proporciona, considerando-se o desejo de passar um bom bocado ou o facto de duas pessoas se amarem como suficientes para ter relações sexuais; valoriza-se o prazer e a satisfação sexual e aceitam-se atitudes sexuais não convencionais.

Trata-se de um tema que mediatiza todo o nosso ser, nos motiva e condiciona, que pode impedir o jovem de dormir, transformar a vida do apaixonado, levar o adulto a fazer loucuras, fomentar vínculos afectivos extraordinariamente fortes, que está presente em todos os meios de comunicação social, cartazes de cinemas, produtos comercializados e até se manifesta como forma de exercer violência sobre os outros.

Foi a partir do início do século XIX, que a sexualidade passou, a ser estudada de forma científica com os trabalhos de Freud (1905), de Havelock Ellis (1859-1939), de Alfred Kinsey (1894-1956), de William Masters (1916) e de Virgínia Johnson (1924).

A sexualidade é um termo que aparece então, pela primeira vez no século XIX, embora a palavra já existisse na linguagem técnica da biologia e da zoologia, por volta de 1800, mas foi apenas nos finais do século, que passou a ser usada num sentido próximo do que hoje tem a qualidade de, ser sexual ou de ter sexo (Foucault, 994 b; Giddens, 1996).

Nos séculos passados permanecia a perspectiva tradicional, a moral predominava e a sexualidade e o erotismo eram constantemente desvalorizados. A sexualidade era encarada única e exclusivamente com o objectivo de reprodução. Existia uma atenção voltada para o prazer, mas esse era coisa das cortesãs e não das esposas. “Temos as cortesãs para o prazer; as concubinas para os cuidados de todos os dias; as esposas para ter uma descendência legítima e uma fiel guardiã do lar” (Foucault, 1994b, p.163).

Relacionada com a sexualidade, a questão da virgindade foi um tema bastante desenvolvido por diversos autores. Durante muitos anos, a "virtude" foi definida como a recusa por parte da mulher de ceder à tentação sexual. Nas antigas civilizações, as raparigas mantinham-se virgens até ao casamento, e caso não arranjassem marido, as virgens eram destinadas ao serviço dos Deuses. Caso contrário, eram apelidadas de “mulheres perdidas” e expulsas da sociedade respeitável. Já os homens necessitavam de diversidade sexual para a sua saúde física, aceitando-se que o homem se envolvesse sexualmente com várias mulheres, quer fosse solteiro ou casado. Enquanto à mulher um único acto de adultério era imperdoável e fortemente punido por lei (Pais, 1987; Foucault, 1994a; Chazaud, 1994).

Contrariamente ao que era vivido, a sexualidade hoje em dia é encarada como fonte de equilíbrio, harmonia, prazer e bem-estar, como forma de comunicação íntima do ponto de vista psíquico e corporal, no contexto de uma relação duradoura e estável, onde é partilhado amor, carinho e afecto, ou por outro lado, numa situação casual ou sem qualquer compromisso.

Segundo a OMS, "A sexualidade é uma energia que nos motiva a encontrar amor, contacto, ternura e intimidade", integrando-se na forma como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual ao mesmo tempo que sexual. Pelo que a sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e, por isso, determina também a nossa saúde física e mental. A sexualidade é, assim, algo inerente a todo o indivíduo, pressupondo as dimensões biológicas, psico-afectiva e sociocultural, onde cabe a afectividade, o erotismo e a comunicação (Marques, 1995).

A sexualidade engloba as emoções, os comportamentos e as atitudes, associadas não só à capacidade de reprodução, mas, também, aos padrões sociais e pessoais do indivíduo. Na perspectiva de Simon et Gagnon (cit. in Sprinthall & Collins, 1994, p. 409), "Para a maioria dos jovens a expressão da sexualidade é regulamentada não tanto pelos próprios impulsos biológicos, mas antes, pelas expectativas e pelo significado social associado a certos padrões de actividade sexual. Esses padrões devem ser aprendidos pelo jovem e activamente reforçados pelos indivíduos que o rodeiam, embora essa aprendizagem e esse reforço possam ter lugar de uma forma bastante subtil" pois que, no processo de construção social da sexualidade, o indivíduo, a família e a cultura desempenham um papel decisivo na organização das atitudes e comportamentos sexuais.

No comportamento sexual humano observável está subjacente o desejo, os sentimentos e as fantasias, elementos fundamentais da psicologia sexual, que se especificam e consolidam na puberdade, permanecendo ao longo de todo o ciclo vital. Contudo cada cultura e sociedade regulam de forma distinta os comportamentos sexuais através dos costumes, da moral e das leis civis. Em certos casos, as diferenças são tão surpreendentes e claras que é impossível falar num código universal de valores morais ou sociais sobre a sexualidade. Por isso, para entender a sexualidade, não basta conhecer a anatomia e a fisiologia sexuais, é também necessário ter em conta a psicologia sexual e a cultura que cada indivíduo vive.

A sexualidade é uma condição inalienável da existência humana, que de uma forma bastante acentuada, se encontram entrelaçados aspectos de ordem biológica, psicológica e sociocultural causando influência no modo como é vivida e experimentada individualmente e de diversas e diferentes formas durante toda a vida, as quais vão contribuindo para o desenvolvimento das suas atitudes e comportamentos que manifesta e que vão moldando a sua personalidade. De acordo com Pereira (1993), a sexualidade faz parte integrante da vida de cada um de nós, contribuindo as suas manifestações para o equilíbrio pessoal e relacional.

5.3. Influência da Sociedade

A sexualidade tem portanto uma vertente emocional e constitui um elemento essencial na formação da identidade do indivíduo, abrangendo aspectos que vão do auto-conceito à auto-estima, das competências sociais ao bem-estar físico e emocional. É também uma componente essencial do relacionamento com os outros, nomeadamente no relacionamento amoroso (Martins, 1995), porém é uma característica humana altamente influenciada pelo processo de socialização. O que somos, pensamos, fantasiamos, desejamos e fazemos ao nível sexual é resultado de um processo contínuo de aprendizagens, interações e reflexões realizadas em todos os percursos de vida e actividades humanas: o contexto familiar, as relações entre os pares e os contextos sociais (Figueiredo, 1985; Sprinthall & Collins, 1994).

Na opinião de Giddens (1996), "A sexualidade é uma construção social, operando em campos de poder e não um mero conjunto de imperativos biológicos que podem ou não encontrar satisfação directa" (p.17). Ao lado da componente biológica, a sexualidade passou a ser fortemente condicionada por factores psicológicos e sociais, como tal, deve ser encarada como a expressão de cada cultura e de cada época, uma vez que integra os valores e os padrões culturais de cada sociedade.

Vários investigadores têm demonstrado a importância da relação entre o indivíduo e a sociedade para a compreensão da sexualidade humana, dividindo-a em dois grupos distintos: um centrado no indivíduo tendo como denominador comum as respostas biofisiológicas e instintivas da conduta sexual; o outro, na sociedade, salientando a influência das marcações sócio-culturais, ou seja, da socialização (Parker, Herdt e Carballo, 1991). O indivíduo e a sociedade formam um todo inseparáveis a sexualidade está inserida num sistema de significado. Neste contexto, a sexualidade é entendida como uma experiência social resultante da interação entre o indivíduo e o meio (Gagnom e Simon, 1873; Parker, Herdt e Carballo, 1991; Alferes, 1994). Assim, existe uma interdependência entre as características individuais, grupais e colectivas, estas representadas por instituições como a religião, a economia e a política, enquanto

sistemas socioculturais de reprodução do colectivo, originando diferentes modos de visionar a sexualidade.

É então que, de acordo com Parker, Herdt & Cubano (1991), surge o conceito de cultura sexual, salientando a importância da construção social da sexualidade, transformando-a numa experiência social variável em função dos contextos em que ocorre. "Entende-se assim que em cada cultura sexual existe um conjunto de significados construídos colectivamente que, transformados em regras e normas sociais, moldam a forma como são elaboradas as representações, as atitudes e os papéis sexuais" (Ramos, 1999, p. 58). A partir do conhecimento destes significados, entendemos o modo como as interações sexuais são modeladas pelo contexto social. Para Gagnon & Simon (1973), é o actor e o seu grupo de pertença, que com base num determinado sistema de significação, constroem a sexualidade. Em cada cultura existem cenários sexuais que funcionam como significações partilhadas pelos elementos da sociedade e tendo como função organizar as condutas sexuais (Alferes, 1994).

Em qualquer sistema de significações, encarado como produtor de normas, podem observar-se ideologias da sexualidade. Para DeLamater (1987), as orientações ou ideologias sexuais ligam-se, directa ou indirectamente, a quatro instituições sociais: família, religião, educação e saúde, e estas são influenciadas pelos princípios formais de cada organização (escola, hospital, etc.) ou instituição (educação, saúde, trabalho, etc.). Contudo, apesar de através das ideologias poder ser dado significado à sexualidade, definindo o modo como os actores sociais e os grupos se devem comportar sexualmente em determinadas situações ou interações sociais, não explicam, por si só, a diversidade de comportamentos, atitudes e representações face à sexualidade. Tudo vai depender da forma como o indivíduo e grupo de pertença se articula com a instituição reprodutora dos valores e normas de cultura sexual (Ramos, 1999). Deste modo, é possível encontrar em cada cultura sexual um conjunto diversificado de práticas sexuais, que explicam a forma como os grupos ou subculturas, num determinado campo social, constroem a sexualidade.

A sexualidade tem-se manifestado de diversas formas, ao longo dos tempos e de acordo com todos os valores morais presentes em todos os agentes de socialização referidos, que intervêm de forma mais ou menos invasiva e intencional neste processo de construção individual. Actualmente, verifica-se uma alteração de limites e da liberalização dos costumes sexuais, com consequente alteração dos padrões de atitudes e comportamentos sexuais.

5.4. Influência Familiar

Fruto de uma serie de modificações a nível demográfico, cultural, político, jurídico, económico e social, nas últimas décadas o conceito de família tem vindo a evoluir ao longo dos tempos. Resultante da constante interacção com estes fenómenos, as famílias de hoje são vistas como uma realidade concreta, plural e dinâmica, em constante evolução. Assim, a OMS definiu a família com um grupo onde existem ligações baseadas na confiança, suporte mútuo e com um destino comum, não se limitando a laços de sangue, casamento ou parceria sexual, mas à grande vinculação afectiva entre os seus membros.

Segundo Rabazo Méndez (1999), a família, no final do século XX, seria a união de pessoas com um projecto da vida comum, que se quer duradouro, onde existem fortes sentimentos de pertença, compromisso pessoal entre os seus membros e se estabelecem intensas relações de intimidade, reciprocidade e dependência, conceito que assenta em metas motivacionais e sentimentos e não no vínculo legal, nas relações de consanguinidade, no número de membros ou na divisão dos papéis.

Nesta perspectiva, a família é um sistema ou unidade constituída por pessoas em constante interacção, ligadas por laços afectivos, cujo principal objectivo é a promoção do bem-estar, harmonia e o crescimento integral de todos os seus membros, que se vão desenvolvendo segundo normas e padrões resultantes da sociedade em que vivem. Nesse sentido, as funções da família atendem a dois objectivos diferentes: um, interno,

que corresponde à protecção psicossocial de seus membros; o outro, externo, diz respeito à acomodação a uma cultura e à transmissão dessa cultura (Minuchin, 1982).

As experiências vividas na família e meio social contribuem, decisivamente, na formação do adolescente, facilitando ou dificultando a tomada de decisões e o relacionamento com os outros (Bios, 1985; Aberastury e Knobel, 1992; Osório, 1996).

5.4.1. Importância Familiar para o Crescimento do Jovem

A família constitui o pilar de apoio essencial, funcionando, simultaneamente, como ponto de referência e elemento vinculativo que apoia o adolescente até se tornar adulto (Fleming, 1993; Sampaio, 1994).

A importância de um quadro familiar bem estruturado e da qualidade das primeiras relações afectivas, vinculativas e de sociabilidade, representam um contexto de extrema importância no crescimento e desenvolvimento global do indivíduo, que tomará evidência em vários níveis, ao longo do seu ciclo de vida. A sua função é a de facilitar adequadamente a formulação de projectos de vida, dos processos de individualização e diferenciação dos seus membros, a integração as exigências da realidade actual ultrapassar com êxito os períodos de crise, transformações e redefinições que se produzem a todos os níveis e que fazem parte da sociedade. Para isso, e até o jovem atingir a sua identidade, autonomia, formar a sua personalidade e os seus próprios valores, é indispensável segurança, estabilidade, coesão entre todos os elementos da família, orientação e estabilidade afectiva e económica.

Sprinthall & Collins (1994) referem que a família tem sido encarada como "ponto crucial da identidade".

Farias (2001) afirma que a família tem como funções principais: a construção de adultos autónomos e com auto-estima; a preparação do indivíduo para os desafios, responsabilidades e compromissos sociais a que vai estar sujeito; facultar o encontro de

gerações (avós, pais, filhos); ser a rede de apoio nas diversas tarefas sociais a realizar (busca de trabalho, parceiro, novas relações, etc.). Pelo que uma maior dependência, em relação à família, pode intensificar a luta adolescente normal pela independência ou tornar mais lento o processo de desenvolvimento.

É neste enquadramento, que a família se torna um dos principais agentes no processo de educação sexual dos seus filhos, pois é neste ambiente que se operam as primeiras relações cognitivas, relacionais, afectivas, amorosas e sexuais. A Sexualidade do jovem organiza-se a partir das mensagens, o que fazer, pensar ou julgar, comportamentos e experiências que vão presenciando e vivenciando em casa e que são relativas à sexualidade dos pais.

As alterações no relacionamento com a família têm sido associadas às transformações individuais sofridas pelo adolescente, dando-se particular relevo à questão da autonomia. Para que o adolescente consiga adquirir o sentido de identidade, construir um percurso vocacional satisfatório para si e estabelecer relacionamentos maduros com os pares e com os parceiros sexuais, é necessário que atinja um razoável grau de separação emocional com a família. Esta necessidade de separação ou de autonomia em relação aos pais é concomitante com a aproximação aos pares e com o alargamento do leque das figuras de vinculação.

A necessidade de encontrar modelos de identificação leva o jovem a mudar o papel de criança, que mantinha até aí, integrando-se num grupo de pertença, onde passa a assumir um campo de acção próprio, através da substituição da família pelo grupo de companheiros dos dois sexos, passando este a ser importante fonte de referência das normas de conduta e protótipo das relações a realizar, quando adulto, a nível social, profissional e sexual.

O jovem ao afastar-se da família busca fora dela os objectos de investimento afectivo e de identificação. A inserção noutros grupos, diferentes da família, serve de suporte na reelaboração da identidade, mas essa tarefa não é isenta de dificuldades, insegurança e

ansiedade. Daí os jovens terem sempre, na família, o tal porto de abrigo, de que fala Dias (1988), onde não falta o afecto e a segurança, nos momentos de crise.

Fleming (1993) refere que as relações com os pais e com os amigos têm dinâmicas diferentes, ocupando lugares distintos e contribuindo, as duas, para o desenvolvimento integral do indivíduo.

Por sua vez, Meeus, cit. in Peixoto (1999), salienta que, apesar de no decorrer da adolescência a importância da família diminuir, à medida que aumenta a relevância do grupo de pares, mesmo nos indivíduos entre os 21-24 anos, o peso da família é superior.

Baseando-nos nesta linha de pensamento, parece claro que a família continua a ocupar lugar de relevo na vida do jovem, pois é nela que encontrará sempre o seu porto de abrigo, nos momentos de maiores inseguranças, dúvidas e angústias.

5.4.2. Funções da Família

Para Vilar (2003) muitos aspectos da família podem afectar o comportamento sexual dos adolescentes, nomeadamente as personalidades dos progenitores, a estrutura e a configuração da família, as relações e as interacções familiares, as atitudes, os valores e as normas familiares.

A importância de um quadro familiar bem estruturado e da qualidade das primeiras relações afectivas, vinculativas e de sociabilidade, representam um contexto de extrema importância no crescimento e desenvolvimento global do indivíduo, que tomará evidência em vários níveis, ao longo do seu ciclo de vida. A sua função é de facilitar adequadamente a formulação de projectos de vida, dos processos de individualização e diferenciação dos seus membros, a integração, as exigências da realidade actual ultrapassar com êxito os períodos de crise, transformações e redefinições que se produzem a todos os níveis e que fazem parte da sociedade. Para isso, e até o jovem atingir a sua identidade, autonomia, formar a sua personalidade e os seus próprios

valores, é indispensável segurança, estabilidade, coesão entre todos os elementos da família, orientação e estabilidade afectiva e económica.

Sprinthall & Collins (1994) referem que a família tem sido encarada como "ponto crucial da identidade".

Farias (2001) afirma que a família tem como funções principais: a construção de adultos autónomos e com auto-estima; a preparação do indivíduo para os desafios, responsabilidades e compromissos sociais a que vai estar sujeito; facultar o encontro de gerações (avós, pais, filhos); ser a rede de apoio nas diversas tarefas sociais a realizar (busca de trabalho, parceiro, novas relações, etc.). Pelo que uma maior dependência, em relação à família, pode intensificar a luta adolescente normal pela independência ou tomar mais lento o processo de desenvolvimento.

A família constitui o pilar de apoio essencial, funcionando, simultaneamente, como ponto de referência e elemento vinculativo que apoia o adolescente até se tornar adulto (Fleming, 1993; Sampaio, 1994).

A educação sexual é portanto da competência da família, sobretudo dos pais que devem preocupar-se em construir alicerces adequados para uma formação sexual saudável, proporcionando-lhes uma vivência sadia, sem quaisquer atitudes ou comportamentos de risco ao longo das diferentes etapas da sua vida. Num contexto natural, os pais devem tentar sempre oferecer um ambiente de oportunidades para que estes possam exprimir todos os aspectos que os inquietam relativamente a sua sexualidade.

5.4.3. Comunicação entre Família e Jovem

Na sociedade ocidental, os pais têm um papel decisivo nas atitudes e comportamentos sexuais dos seus filhos. Na verdade existem vários estudos demonstrando a influência positiva que a discussão, entre pais e filhos, acerca do sexo tem nas atitudes e

comportamentos dos adolescentes (Fisher, 1986; Handelsman, Cabral et Weisfeld, 1987).

Para Aries (1986), a Educação sexual na família deve assentar nos seguintes aspectos: a sexualidade deve ser compreendida e passada como um valor positivo, como um bem a ser exercido e desfrutado. O segundo ponto a ser tomado em consideração, não apenas no que diz respeito à educação sexual, mas sim como princípio geral do relacionamento entre pais e filhos, é que a experiência adquirida durante toda a vida dos adultos, às vezes com muito sofrimento, não é transmitida integralmente aos filhos. Entre pais e filhos deve existir, idealmente, um canal de comunicação aberto em ambos os sentidos, de modo a que todos os assuntos relacionados com sexo possam ser abordados sempre que surgir qualquer indício de interesse, qualquer que seja a idade dos seus filhos. Esta discussão deve ser sempre feita sem qualquer tipo de preconceitos de modo a não perturbar o processo educacional e sempre com o estabelecimento de limites, necessários e benéficos, desde que não sejam tão restritivos que sufoquem o emergir da maturidade do jovem. Não esquecendo, que os pais jamais devem negar que se sentem pouco à vontade frente a certos temas. É preferível que essa confissão seja feita acompanhada de explicações, pois os adolescentes percebem nitidamente quando o adulto não se sente à vontade.

Para East (1996); Kotchick & all. (1999) os adolescentes que desenvolvem uma comunicação aberta e positiva com os seus pais, iniciam as suas relações sexuais mais tardiamente e de forma mais segura.

Em algumas famílias, segundo Comer (1995), os pais esperam que os adolescentes coloquem dúvidas sobre a sua sexualidade para agirem, mas nem todos os adolescentes fazem perguntas ou estão à vontade para discutir ou colocar questões sobre este assunto aos pais. Noutras famílias, na opinião de Went (1985), os pais têm receio que os filhos coloquem questões pessoais e que estes não consigam dar resposta.

Quando os pais não são suportes afectivo-emocionais para os seus filhos, estes têm mais probabilidade de terem relações sexuais precoces (Barber, 1992).

A família deve estar preparada para dar respostas tranquilas e sem hesitações pois os jovens são rápidos a perceber hesitações e mais rápidos, ainda, a desvalorizar explicações imprecisas. Na maioria das vezes eles recorrem aos pais à procura da confirmação de versões que ouviram na rua, ou nos grupos de pares. O grupo de pares ganha uma importância e influência acrescida face às figuras parentais. Situação que, embora necessária e natural, pode potenciar o aparecimento do conflito e mal-estar no seio familiar (Frade et al., 1996; Rodrigues, 1998). Quando os adolescentes não estão bem preparados no seio familiar, os seus grupos de pares informá-los-ão causando-lhes, muitas vezes, um grande choque, revolta e repugnância quanto aos processos sexuais, podendo reduzir as suas possibilidades de uma vida sexual saudável. A perda da confiança dos filhos, a insegurança e a instabilidade emocional são algumas das consequências para os pais decorrentes das suas atitudes erradas para com os seus filhos.

Para Wright, Peterson & Barnes (1990), o poder de influência dos pais na sexualidade dos seus filhos é mediado pela eficácia e estilos da comunicação pais-filhos. Para Vilar (2003), quando a família é conservadora e se rege por regras morais fortes, evitando a abordagem de temas ligados à sexualidade e proibindo certos comportamentos sexuais, denomina-se estilo educativo de negação. O estilo evitativo caracteriza-se pela rara abordagem de temas ligados à sexualidade e por mensagens morais de aviso, mas sem conotação proibitiva. O autor identifica ainda o estilo permissivo, característico das famílias que revelam maior abertura para falar de questões sexuais, sem proibições, mas sem apoiar e valorizar a sexualidade dos adolescentes, e finalmente o estilo apoiante que é caracterizado pelas conversas frequentes ligadas à sexualidade dos adolescentes onde estes são apoiados, informados e aconselhados e onde a sexualidade é valorizada.

A alta percepção do apoio emocional e instrumental, oferecida num clima de uma superprotecção excessiva, próprio das famílias "aglutinadas" (Minuchin, 1982), nas quais os limites entre pais e filhos não estão bem definidos, garante poucas

oportunidades de diferenciação e auto-direcção, o que dificulta a aprendizagem de comportamentos sexuais.

Em termos de controlo parental muitas regras e muita supervisão por um lado e o uma conduta permissiva e a falta de supervisão dos pais por outro lado influenciam a adopção de comportamentos de risco nos adolescentes (Meschke, Bartholomae Zental, 2000). Contudo, este autor defende que se o controlo parental fôr em excesso, maior é a probabilidade dos adolescentes não terem relações sexuais seguras pois, estes adoptam comportamentos de risco como reacção ao aumento dos níveis de controlo parental iniciados depois de um comportamento negativo.

Ainda em relação à comunicação, as adolescentes comunicavam mais livremente sobre sexualidade com os encarregados de educação do que os adolescentes e por seu lado os pais solicitavam mais informações aos adolescentes do sexo feminino do que aos do sexo masculino (Fischer, 1987; Nolin & Peterson, 1992; Rosenthal & Feldman, 1999; Stattin e Kerr, 2000). Os mesmos autores afirmaram ainda, que o controlo parental é altamente influenciado pela espontaneidade e vontade dos adolescentes em divulgar a informação sobre sexualidade.

Dilorio, Kellee Hookenberry-Eaton (1999) afirmaram que quando as mães são calmas, sensíveis e desenvolvem uma comunicação de alta qualidade, as suas filhas adoptam atitudes mais conservadoras do que os seus filhos; os filhos estão mais certos sobre as capacidades protectoras dos preservativos do que as filhas e finalmente, as filhas relatam mais ansiedade sobre as doenças sexualmente transmissíveis do que os filhos.

Vilar (2003), afirmou que as adolescentes consideravam que as mães possuíam uma comunicação mais aberta e empática, enquanto os pais eram vistos como mais julgadores, menos flexíveis e mais conflituosos.

Vilar (2003) refere também que nas conversas sobre sexualidade entre mães e filhas existe uma certa tensão. As mães manifestam o desejo de assegurarem às filhas uma

informação adequada sobre a sexualidade mas, no entanto, têm receio de estarem a favorecer ou a permitir o envolvimento sexual das filhas; estas, por seu lado, desejavam mais apoio e orientação das mães sem no entanto deixarem a sua vida privada demasiadamente exposta ao controlo e à curiosidade dos encarregados de educação.

No entanto Fisher (1987) defende que quando a mãe e o jovem comunicam frequentemente sobre sexualidade, a sua relação é mais forte, do que quando eles têm comunicações pouco frequentes ou inexistentes. Há também evidência que os adolescentes que falam com as suas mães sobre uma grande variedade de tópicos sexuais têm atitudes sexuais mais conservadoras do que os adolescentes que falam menos sobre sexualidade com as suas mães (Dilorio & Hockenberry-Eaton, 1999).

As mães que mostram maior receptividade quando falam sobre sexualidade com os seus filhos, comunicam com mais facilidade e de uma forma menos embaraçosa em relação à influência que exercem nos seus filhos para comprarem e usarem preservativos (Pick & Palos, 1995; Huebner & Howell, 2003). Assim, podemos afirmar que os adolescentes cujas mães são boas comunicadoras utilizam mais os métodos anticoncepcionais nas relações sexuais do que os filhos de mães que comunicam pouco.

A comunicação verbal é importante, mas é através da comunicação não verbal que se deve ter especial atenção, pois esta possui múltiplas expressões. Tendo em conta algumas estimativas, grande parte da informação trocada nas interações é não verbal. O que se presencia e que se observa do comportamento e atitudes, as reacções verbais, silêncios voluntários ou involuntários o tom de voz, a expressão facial, o contacto visual, o toque, a postura e a proximidade e a distância física constituem aspectos que influenciam o jovem em todo o seu conceito de sexualidade.

5.5. Educação Sexual

Segundo o decreto de lei nº60/2009 publicado pelo diário da república a 6 de Agosto de 2009, A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da

Constituição, o seguinte Artigo 2.º: Constituem finalidades da educação sexual: *a)* A valorização da sexualidade e afectividade entre as pessoas no desenvolvimento individual, respeitando o pluralismo das concepções existentes na sociedade portuguesa; *b)* O desenvolvimento de competências nos jovens que permitam escolhas informadas e seguras no campo da sexualidade; *c)* A melhoria dos relacionamentos afectivo – sexuais dos jovens; *d)* A redução de consequências negativas dos comportamentos sexuais de risco, tais como a gravidez não desejada e as infecções sexualmente transmissíveis; *e)* A capacidade de protecção face a todas as formas de exploração e de abuso sexuais; *f)* O respeito pela diferença entre as pessoas e pelas diferentes orientações sexuais; *g)* A valorização de uma sexualidade responsável e informada; *h)* A promoção da igualdade entre os sexos; *i)* O reconhecimento da importância de participação no processo educativo de encarregados de educação, alunos, professores e técnicos de saúde; *j)* A compreensão científica do funcionamento dos mecanismos biológicos reprodutivos; *l)* A eliminação de comportamentos baseados na discriminação sexual ou na violência em função do sexo ou orientação sexual.

Antigamente, a educação era promovida ocasionalmente, pela família, pela Igreja e pela comunidade. O desenvolvimento social e cultural causou profundas modificações no padrão da vida ocidental. As alterações a nível familiar com a passagem de famílias alargadas para famílias nucleares, os avanços dos “*media*” em termos de influência de massas, os estilos de vida pouco salutogénicos adoptados pelos adolescentes e os laços familiares que se enfraqueceram, mostram de forma inegável como a educação nomeadamente a sexual, se tornou necessária no mundo de hoje. Assim, a escola é um ambiente altamente favorável ao desenvolvimento da sexualidade, proporcionando a socialização e o convívio entre ambos os sexos. No entanto, Vieira (2002) salienta que, para além da escola, ainda existem outros agentes importantes na socialização sexual dos adolescentes que são a família e o grupo de pares.

Quando a criança chega à escola já possui, em termos do desenvolvimento da sua sexualidade, uma influência familiar e social bastante marcada, isto porque a educação sexual faz-se na vida, todos os dias, através das atitudes daqueles que rodeiam a criança, sobretudo os pais. A família, quer tenha ou não consciência disso, desempenha um

papel decisivo na educação sexual do seu filho. A atitude de carinho entre os pais, o respeito mútuo e a maneira de se relacionarem exercem uma enorme influência no comportamento sexual dos seus filhos.

Vários autores defendem que a educação sexual na escola não tem por fim substituir, nem tão pouco concorrer com a função da família, mas sim, complementar ou corrigir, os conhecimentos adquiridos e desenvolvidos em casa, em parte, devido ao facto, de ainda hoje existir falta de informação dos pais.

Ribeiro (1993,p. 31) afirma que “a escola é a instituição mais indicada pelas autoridades educacionais, pelos especialistas e pela sociedade em geral como sendo o campo fértil e ideal para se dar a Orientação Sexual”.

De facto, segundo Vaz & all. (1996) uma das grandes dificuldades no desenvolvimento de programas de educação sexual é o receio da não-aceitação destes pelas famílias e mesmo a sua possível hostilização. Contudo actualmente, a grande maioria dos pais tem uma atitude positiva face à educação sexual nas escolas (Piscalho, 1999; Fernandes, 1999; Silva, 1999).

Para Sampaio (1987, p.26-27), as principais finalidades da educação sexual nas escolas são: "reduzir a ignorância acerca dos problemas sexuais através da informação sexual; desenvolver a pessoa como um todo com vista a permitir um desenvolvimento pessoal e integral; melhorar as relações interpessoais e estabelecer códigos morais e pessoais em relação ao comportamento sexual”.

Actualmente, nas sociedades desenvolvidas verifica-se que os jovens iniciam a sua actividade sexual cada vez mais cedo e com um nível de conhecimento relativamente à sua sexualidade ainda bastante inferior. Este facto é provado pois, continuam a surgir casos de gravidezes indesejadas e doenças sexualmente transmissíveis. Como tal, a educação sexual passou a fazer parte da escolaridade básica e teve-se a preocupação de sensibilizar professores e funcionários das escolas para a necessidade de formação nesta área.

Dewey (1916) considera que a finalidade da educação é contribuir para o desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo até ao seu máximo.

A educação sexual deve ser encarada por todos como uma oportunidade de crescimento.

É constituída por um conjunto de informações desenvolvidas de forma sistemática, global e não intencional, com o objectivo de promover a saúde sexual, através de estilos de vida saudáveis, estimulando o desenvolvimento de atitudes e comportamentos positivos, informados e responsáveis, face à sexualidade humana, de forma harmoniosa.

A programação específica dos temas de educação sexual deve enfatizar não apenas os aspectos biológicos da sexualidade, mas também aqueles ligados aos aspectos sociais e psicológicos. Não esquecendo nunca que toda a informação tende a reproduzir nos jovens os padrões de moralidade de uma determinada sociedade.

Segundo Kohlberg (1992), desenvolver ou educar é mudar para um estadio psicológico mais adequado, permitindo a cada indivíduo conhecer-se melhor e conhecer melhor o mundo em que vive.

Educar sexualmente o adolescente é passar as informações associadas à permissão da expressão da sexualidade que, por sua vez, está associada aos sentimentos. Assim sendo, são componentes básicos da educação sexual, além da liberdade e da responsabilidade, a afectividade, o prazer e a comunicação.

Matarazzo & Manz (1988) e Ribeiro (1993) conduzem à definição dos objectivos da educação sexual nos seguintes termos: preparar o adolescente para que ele tenha um desenvolvimento psico-sexual normal, atingindo a maturidade com um bom ajustamento sexual; destacar a importância de um crescimento sexual normal por ser parte integrante da formação de uma personalidade sadia e equilibrada; abordar a sexualidade sob uma perspectiva bio-psico-sócio-cultural, para ampliar a sua visão e ajudá-lo a aprofundar e a reflectir sobre as questões emocionais; dar informações imparciais sobre a sexualidade dentro de um contexto democrático, possibilitando assim

o pensar e o reflectir sobre os valores de cada um; consciencializar a sociedade no sentido de respeitar as aspirações humanísticas crescentes no homem e ajudar as pessoas a obterem o desenvolvimento sexual da forma mais natural possível.

É na escola que se desenvolve um ambiente altamente favorável para desenvolver o processo de socialização e o convívio entre indivíduos do mesmo sexo ou de sexos opostos. Ao mesmo tempo que oferece a possibilidade de discussão de diferentes pontos de vista relativamente à sexualidade, já que cada um cresceu rodeado de diferentes valores, tornando assim possível uma reflexão e aprofundamento dos conhecimentos relativamente à sexualidade.

Suplicy & all. (1998), referem que a educação sexual na escola propõe ampliar, diversificar e aprofundar a visão sobre a sexualidade, transmitindo aos adolescentes informações biológicas correctas sobre a sua sexualidade incluindo o conceito, as práticas sexuais ligadas ao afecto, ao prazer, ao respeito e à responsabilidade.

A sexualidade envolve o lado afectivo, psicológico, social e psicomotor de cada adolescente. Desta forma, o discurso adoptado pelo professor não poderá nunca ser constituído por um conteúdo explícito ou implícito de inibição ou de estímulo à actividade sexual. A abordagem deve cingir-se simplesmente a informar, a orientar e a esclarecer sobre todos os aspectos da sexualidade. É muito importante que o professor aceite com naturalidade o imprevisível das situações, usando uma linguagem clara, simples, sem rodeios, adequada ao adolescente, esclarecendo-o, sem se antecipar com informações que este não está interessado em obter, respeitando a sua maturidade intelectual e emocional. Por outro lado, protelar ou adiar a resposta pode levar o adolescente a inibir-se, a censurar-se e não voltar a perguntar, gerando fantasias, desconfiança e insegurança em relação ao professor.

A escola possui como principal função assegurar uma aprendizagem, conquistas, descobrimentos e competências essenciais para os jovens. Sendo a educação sexual uma componente básica do processo educativo, não devem ser excluídos todos os assuntos e manifestações da sexualidade. Esta deve ser abordada de modo estrutural e intencional, atendendo aos conhecimentos já existentes, dúvidas, medos, conflitos e necessidades

dos jovens, criando um espaço aberto, sem preconceitos, tabus e obedecendo sempre a um quadro ético, respeitando a individualidade, valores pessoais, familiares e culturais de cada um. É a escola que detém os meios pedagógicos necessários para a intervenção sistemática sobre a sexualidade, de modo a proporcionar a formação de uma opinião mais crítica sobre o assunto, proporcionando desta forma, a satisfação das necessidades dos alunos, em termos de sexualidade.

Branco (1999) salienta que o professor não deverá, em circunstância alguma, impor valores ou posições. Segundo Sanders & Swinden (1995), o professor deverá ter uma visão imparcial do que está a ser discutido. Para Braeken & Massey (1990), o professor terá de ser comunicativo, desenvolver actividades diversificadas, articular a educação sexual com as necessidades dos adolescentes e ter à disposição um conjunto de recursos materiais que facilitem o desenvolvimento das actividades educativas. A nível de conhecimentos, o professor terá de ter um fácil acesso à informação e ter os conhecimentos básicos sobre sexualidade.

Devido a facilidade e aproximação de contacto todos os professores de qualquer que seja a disciplina devem estar preparados e possuir formação na área da educação sexual. Não obrigatória e exclusivamente o professor de biologia que aliás está frequentemente muito comprometido com os aspectos biológicos da sexualidade. Porém, é preferível que seja um professor detentor de uma visão mais ampla do tema, com coragem para desafiar os seus próprios conflitos, tabus e preconceitos sexuais, com tolerância e abertura intelectual, moral e afectiva de modo a nunca fazer juízos de valor, ou determinar o que é certo ou errado no comportamento dos outros, mas sim, conseguir compreendê-los, aceitá-los e conviver com eles.

5.6. Distinção entre Atitudes e Comportamentos

A atitude é uma construção hipotética referente a algo que não podemos observar directamente, ou seja, uma predisposição organizada para pensar, sentir, perceber e comportar-se de determinada maneira, frente a um objecto cognoscitivo (Bem, 1973; McDavid, 1980, Breckiler & Wiggins, 1989; Eagly, 1992).

As atitudes podem entender-se como disposições para valorizar favorável ou desfavoravelmente os objectos, pessoas ou eventos (Insko & Schopler 1980 e Ajzen, 1989).

Se consideramos que algo é negativo ou perigoso e sentimos rejeição em relação a essa experiência, a nossa provável atitude vai ser evitá-lo. Pelo contrário, se algo nos surge como positivo e nos produz sentimentos de agrado ou atracção, a nossa possível atitude irá ser a de desfrutar ou aproveitar.

As nossas atitudes são formadas por um conjunto de ideias, crenças, sentimentos, opiniões, e tendências, que vão sendo construídas ao longo da nossa vida, como resultado das nossas experiências e vivências individuais. Trata-se de uma predisposição, uma posição que o indivíduo adopta em função de acontecimentos subjectivos.

McDavid (1980) chama a atenção para o facto de em cada atitude existir um conceito, elemento racional e cognitivo e uma série de valores afectivos associa-os a sentimentos ou emoções. Assim sendo, cada atitude tem três componentes: um cognitivo (crença ou ideia), valores afectivos (sentimentos e emoções) e tendências comportamentais (predisposições), que dirigem o modo como o indivíduo actua.

Na opinião de Lima (1997), as atitudes são sempre relativas a um objecto, referem-se a experiências subjectivas e incluem sempre uma dimensão avaliativa. São opiniões que expressam sentimentos, emoções, reacções a favor ou contra algo, ou seja, valorizações.

Podemos então afirmar que as atitudes traduzem a posição do indivíduo face a determinada experiência subjectiva, influenciando decisivamente o seu comportamento, que resulta da integração das normas sociais onde o indivíduo está inserido. São diferenciações sociais, que o permitem situar numa posição face aos outros, num determinado momento temporal. Podemos, assim, encontrar, semelhanças nas atitudes

dos indivíduos que integram o mesmo grupo social, tal como encontramos uma evolução nas posições individuais e grupais ao longo dos tempos.

No campo da sexualidade, as atitudes têm uma relevância especial, que, basicamente, advém da implicação de todas as pessoas nos referentes atitudinais. Assim, a atitude ante a sexualidade é um factor determinante para a aceitação de determinadas interacções sexuais. A este respeito Hendrick & Hendrick (1987) alertam para o facto de existirem diferenças significativas entre os diferentes estilos de amor e as atitudes perante a sexualidade, mediatizando as relações afectivas que o indivíduo mantém acerca da própria sexualidade. O que evidencia o carácter determinante das atitudes sexuais, na vivência sexual.

O comportamento sexual dos jovens é um comportamento que procura significados, sendo a experiência sexual algo que se constrói progressivamente, no decurso da adolescência, sob a influência de normas mutáveis. Por sua vez, as atitudes são predisposições comportamentais adquiridas (Lima, 1997), que determinam em larga medida os comportamentos sexuais.

Actualmente, existe uma grande contradição entre os jovens, no que diz respeito aos comportamentos. O impulso e o desejo sexual são uma fonte de motivação que se traduz numa procura e na realização de determinados comportamentos, considerados inadequados e que possivelmente mais tarde, originam pressões e sentimentos de culpa devido à interiorização do sistema de valores morais integrado pela família e pela sociedade. Contudo, é na mesma sociedade que permanentemente, através do comércio e *mass media*, os jovens estão rodeados de estímulos eróticos e sexuais, oferecendo cada vez mais possibilidades de adoptar numerosos comportamentos sexuais. Neste sentido é inevitável o aumento de permissividade que a população tem sofrido dos últimos tempos. O sistema de crenças foi alterado mas despoletou sentimentos de dúvidas quanto ao comportamento a adoptar no que diz respeito ao que está certo ou errado.

Segundo Foucault (2000), o comportamento sexual, não é, como demasiadas vezes se supôs, uma superposição de desejos derivados de instintos naturais, por um lado, e normas permissivas ou restritivas, que determinam o que devemos fazer, ou não fazer, por outro. Vai muito para além disso, uma vez que "é também a consciência que a pessoa tem do que está a fazer, do que faz com a experiência e também do valor que atribui a ele" (p. 12). Daí a diversidade de comportamentos e atitudes sexuais que, de acordo com a época, a cultura e as especificidades individuais têm sido experimentadas pelos sujeitos.

Os comportamentos as atitudes sexuais dos adolescentes são influenciados por diversos factores: biológicos, psicológicos e individuais, relações próximas na família e grupo de pares, contextos sociais e culturais como por exemplo, raça, religião e os *media* (Miller & Fox, 1987).

Allen et al., (1994) investigaram os comportamentos da comunicação que promoviam ou inibiam a autonomia dos adolescentes e a ligação entre pais e filhos. Os comportamentos observados que promoviam a autonomia e a ligação pais-filhos eram: a expressividade, a concordância com a posição do outro e o respeito pela opinião dos outros. Quando os pais exibiam esses comportamentos durante as relações com os adolescentes, estimulavam o desenvolvimento de um ego mais elevado e uma maior auto-estima do adolescente, do que quando esses comportamentos nos pais estavam ausentes. Contrariamente, para os mesmos autores, os comportamentos parentais que inibiam a autonomia dos adolescentes e a inter-relação com os pais, estavam associados a afectos depressivos e a uma maior adopção de comportamentos de risco a nível sexual pelos adolescentes. A falta de autonomia, incluindo desacordos sobre as personalidades, acabar uma discussão sem acordo ou compromisso, e pressionar o outro para concordar usando tácticas em vez de argumentos racionais eram comportamentos que inibiam a relação pais-filhos. Estes comportamentos de inibição de autonomia e da inter-relação pais-filhos estavam associados a níveis baixos de desenvolvimento do ego dos adolescentes.

As pesquisas mostraram que existia uma relação entre os níveis de controlo parental e o envolvimento do adolescente nos comportamentos de risco (Spencer & all., 1996; Baker & all., 1999; Flannery, Williams & Vazsonyi, 1999; Kim & Hetherington, Reiss, 1999; Rodgers, 1999). Assim, Luster & Small (1994) verificaram que níveis altos de controlo parental estavam associados a baixos níveis de comportamentos sexuais de risco.

A maioria dos jovens (factor não referido em apenas dois grupos) considera que o estilo parental - Autoritário, a proibição em relação a determinados comportamentos ou a imposição de regras muito rígidas pode ter um efeito adverso, e incentivar esses comportamentos, ou seja, pode pelo contrário, promover comportamentos de risco. Os jovens salientam assim, o efeito adverso de lhes ser dada pouca autonomia ou confiança. “A palavra proibir, não faças porque não, ainda cria mais vontade e curiosidade de ir mesmo fazer. Às vezes os filhos ficam contrariados e começam a fazer só para contrariar os pais e para se sentirem mais independentes. Aí os filhos acabam por fazer tudo à maluca ...”, “Quando os pais proibem exageradamente ainda se vai fazer pior. Altura em que dizemos: aproveita, agarra a oportunidade de fazer.” Na opinião dos jovens, um estilo parental democrático, em que os pais não proibem, mas estão vigilantes e alertam para os perigos promove a responsabilização, proporciona um sentimento

5.7. Teorias Comportamentais de Desenvolvimento

Podem facilmente identificar-se duas formas explicativas do desenvolvimento sexual. Uma caracteriza o desenvolvimento sexual em função de ritmos biológicos, onde as transformações pubertárias constituem o momento organizador de referência. A outra, seguida pelos defensores da psicanálise, consiste "na pressuposição de uma entidade de natureza motivacional (libido ou energia sexual) e na explicação do desenvolvimento pelas sucessivas metamorfoses" (Alferes, 1994, p:-37), Ocorrendo a evolução psico-sexual através da sequência de uma série de etapas até à definição da sexualidade adulta.

No quadro de referência desenvolvimentista, não pode deixar de referir-se Erikson. Segundo este autor o desenvolvimento do indivíduo processa-se de acordo com os

estádios de desenvolvimento do ciclo vital. Para Erikson (1972), o conceito de identidade está intimamente ligado à perspectiva de desenvolvimento. A capacidade do indivíduo para estabelecer relações íntimas só acontece depois de se ter estabelecido um firme sentido de identidade.

A intimidade psicossocial caracteriza-se pela mutualidade e partilha e a intimidade sexual é apenas uma parte, ainda que importante, da primeira. A intimidade pode ser entendida como um padrão específico de interações que caracteriza as relações pessoais e mais especificamente as relações íntimas com alguém, sendo as relações íntimas as que ocorrem, simultaneamente, de forma intensa e frequente.

Malinowsky (1929, 1937) e Margaret Mead (1928, 1935) fizeram uma leitura bastante diferente do desenvolvimento sexual. Por um lado, enfatizaram as marcações sociais, sublinhando o processo de socialização e o desenvolvimento sexual mediante a interiorização de modelos socioculturais existentes. Por outro lado, realçaram a importância dos rituais de passagem e de iniciação na estruturação do sujeito, com vista à entrada no mundo da sexualidade e conseqüentemente na idade adulta.

Noutra perspectiva, conforme atrás se referiu, Gagnon et Simon (1973) implementaram o conceito de *script* sexual para demonstrar como a sexualidade pode ser construída pela sociedade. Os scripts sexuais podem considerar-se como esquemas (socialmente construídos) de atribuição de significado e de orientação da acção. "Enquanto significações partilhadas pelos actores, sociais os scripts sexuais, organizam os comportamentos sexuais, definindo as situações de interacção, gerando expectativas-relacionais e sinalizando as respostas incongruentes" (Alferes, 1994, p. 43). O *script* é, fundamentalmente, uma metáfora para definir a produção de comportamento no seio da sociedade enquanto o indivíduo aí se insere.

Por um lado, temos as práticas sexuais definidas pelas instituições-estruturas sociais; por outro lado, temos a sexualidade dos prazeres da carne, das experiências eróticas e das paixões românticas. A gestão deste processo faz-se de acordo com as ficções generalizadas que constituem as representações sociais do corpo e do sexo. Para além

das respostas emocionais e as orientações avaliativas ou atitudes em relação à sexualidade condicionarem, de igual modo, os comportamentos sexuais.

Deste modo, as ideias mais ou menos claras que os indivíduos têm acerca da sexualidade podem moldar os seus comportamentos, criando expectativas maiores ou menores em relação às eventuais consequências das suas acções. Aqui devem incluir-se os métodos contraceptivos e a prática da sexualidade sem riscos.

Foi apenas com o aparecimento das perspectivas construtivistas da sexualidade, que atendem ao processo de construção social da sexualidade, que o indivíduo passou a ser considerado como elemento desse processo.

Os atributos que caracterizam o género masculino ou feminino definem-se culturalmente, constituindo a identidade do género uma forma de ligação primitiva a uma imagem corporal de rapaz ou rapariga que se desenvolve e se afirma desde muito cedo (Ferrer Guasch, 1994). Pelo que a informação que recebemos, acerca do sexo, ao longo da vida e as expectativas que guardamos determinam a nossa expressão sexual.

Em síntese, podemos referir que as perspectivas estritamente antropológicas e/ou sociológicas, ao enfatizarem o papel das regularidades normativas, ignoraram o modo como o indivíduo gera as suas experiências e o seu corpo, tal como o significado que atribui aos seus comportamentos (Alferes, 1997a).

5.8. Distinção entre “Género” e “Sexo”

Devido ao facto destes critérios possuírem um contexto bastante complexo, actualmente verifica-se uma certa confusão na sua distinção. O estudo e a análise da relação entre eles, permite-nos compreender a forma como se estrutura o sentido atribuído a sexualidade humana de acordo com os diferentes contextos sociais. Como tal, irá ser explicada a diferença entre estas duas variáveis que classificam os seres humanos.

É necessário entender que o género e o sexo são constituídos por uma complexa inter-relação de diversos factores, biológicos, psicológicos, sociais, económicos e culturais. Mediante a construção simbólica do género, a sociedade estipula e padroniza ideias dominantes de quais devem ser os comportamentos sexuais que devem ser adoptados consoante o género. Os papéis de homem ou mulher são criados desde o início pela família desde o período de gestação, quando se preparam para receber a criança.

Em relação à identidade de género e à identidade sexual também é possível entender que estas são múltiplas e estão em constante transformação. Tais identidades, embora intimamente relacionadas, não são unívocas (Vieira 2000). Para Louro (1997), enquanto a identidade de género se liga à identificação histórica social dos indivíduos que se reconhecem como femininos ou masculinos, a identidade sexual está relacionada directamente à forma como os indivíduos experimentam os seus desejos corporais: sozinhos e com parceiros do mesmo sexo ou não. Britzman (1996) mostra que as identidades sexuais não são fixas, nem se instalam de forma automática nos indivíduos, mas que se vão construindo ao longo da vida, pois, segundo esta autora, a identidade sexual está constantemente a ser reorganizada pela complexidade das experiências vividas, pela cultura, e pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias sociais como o género, a raça, a geração, a nacionalidade, a aparência física e o estilo.

Vasconcelos (1999) afirma que os dois processos estruturais mais marcantes da nossa sociedade são o efeito de classe social e o efeito de género sexual. Estes dois processos têm relações entre si, uma vez que as vivências das condições sociais de género sexual são fortemente condicionadas pelos estilos de vida, do mesmo modo que as definições identitárias de género que daí emergem são afectadas pelas definições dominantes, quer da masculinidade quer da feminilidade.

Para Lamas (1997), é importante analisar a articulação do biológico com o social e não negar as diferenças biológicas que há entre homens e mulheres. Mas também há que reconhecer que o que marca a diferença fundamental entre os sexos é o género. Há que ter sempre presente que entre homem e mulher há mais semelhanças como espécie, do que diferenças sexuais.

Rouquayrol (1998) considera que, para além das diferenças anatómicas e fisiológicas que caracterizam o homem e a mulher, cada um, a seu tempo e modo, vive experiências específicas, privadas e não partilhadas pelo sexo oposto.

5.8.1. Variável “Sexo”

A variável sexo tem as suas raízes no fenómeno bio-fisiológico do dimorfismo sexual; pelo que não tem uma, mas várias definições, de acordo com o nível de análise em que nos situamos. Money & Ehrhardt (1972) destacam várias facetas do sexo cromossómico, gonodal e hormonal morfológico. Por sua vez, Rhoda Vuger, citado por Zaro (1999), definiu o sexo como uma variável biológica e social, o que nos remete a experiências psicológicas diferentes entre homens e mulheres, como consequência do factor biológico, que transcendem a dotação biológica.

Segundo Vela Garcia (1998), ainda na sociedade actual os homens aprendem que a actividade sexual intensa e diversificada é motivo de orgulho, enquanto as mulheres aprendem que é um sinal do qual se devem envergonhar. Como tal, não é de admirar que uns e outros desenvolvam distintos papéis nas suas relações sexuais, dado o número de tabus em relação a elas ainda existentes. Estas assimetrias, apesar de não serem comuns a todas as sociedades, predominam, ainda hoje, em algumas, o que dificulta as relações entre homens e mulheres.

Os jovens de ambos os sexos referem expectativas diferentes sobre o seu comportamento sexual.

A sexualidade masculina é encarada e vivida predominantemente a nível físico e instrumental, num contexto interpessoal, sem qualquer expectativa quanto a um envolvimento emocional e duradouro, considerando o afecto um elemento de pouca ou nenhuma importância para a intimidade sexual. São cada vez mais e constantemente influenciados pela pressão do grupo de pares e dos agentes publicitários, vangloriando-se depois por terem tido relações sexuais. Estes ganharam então uma maior

permissividade de experiências sexuais, quer por parte da sociedade, quer por parte da família, que adoptam estratégias de controlo mais liberais.

Vasconcelos (1998) salienta: "se é certo que homens e mulheres têm práticas sexuais algo diferenciadas, também verdade que as visualizam e entendem de formas diferentes, mas é igualmente verdade que os homens tendem a exagerar e a sobrevalorizar discursivamente a(s) sua(s) história(s) sexual(ais), como convém ao protótipo da virilidade masculina e que as mulheres tendem a minimizar e a desvalorizar discursivamente a(s) sua(s) experiência(s) sexual(ais), como convém ao protótipo do recato e castidade femininas" (p. 259).

Ao contrário da sexualidade masculina, a sexualidade feminina, na grande maioria, é vivida num contexto de alguma sensibilidade e proximidade afectiva, com um compromisso e envolvimento emocional estabelecido. Como resultado, a maioria dos estudos referem que as raparigas elegem como parceiros sexuais os amigos ou o namorado (Alferes, 1994; Martins, 1995; Vasconcelos, 1998; Pais, 1998 e Lino, 2000). Sem dúvida, o sexo feminino é alvo de uma maior pressão por parte da sociedade e da família que adopta uma postura mais rígida e controladora, sendo as mulheres sexualmente mais “vivas” que continuam a merecer um olhar de desconfiança e reprovação.

Giddens (1996, p.2) salienta que, “O amor romântico é o precursor da relação pura, embora se encontre em conflito com ela. A emergência daquilo a que chamo sexualidade plástica é crucial tanto para a emancipação implícita na relação pura, quanto para a reivindicação feminina do prazer sexual. A sexualidade plástica é a sexualidade descentrada, liberta das necessidades de reprodução”.

5.8.2. Variável “Género”

Desde criança que o indivíduo adquire consciência da sua identidade sexual, isto é, identifica-se como homem ou mulher. Em simultâneo, inicia um processo de aprendizagem e interiorização das funções, atitudes e comportamentos, de acordo com o que a sociedade em que está inserido considerado próprio para cada género, expressando assim o seu papel sexual.

Quando somos crianças é-nos atribuído um nome, roupas, brinquedos e actividades sexuais, pressupõem-nos uma maneira de ser, de sentir, de gostar, pensar e desejar. Estas atribuições não se baseiam, em geral, em diferenças biológicas, mas sim, e na maior parte dos casos, de acordo com as tendências e costumes que vão surgindo em cada sociedade e cultura e que se vão desenvolvendo de forma progressiva ao longo da vida do indivíduo.

Contudo no período da adolescência é confrontado com os critérios atribuídos ao seu género em termos de pertença a um dos sexos, e reformulados os desempenhos e comportamentos sexuais que lhe devem corresponder. Nesta altura, o jovem sente o despertar da sexualidade através de sentimentos e experiências estranhas e desconhecidas. Para Vaz & all. (1996), é neste período de vida que se torna explícita a orientação sexual dos jovens.

O termo género varia em função da cultura, o que leva à estruturação de diferentes normas e valores. No nosso contexto, investigações como as de Hendrick & Hendrick (1993), Oliver & Hyde, (1993), Alferes (1994) e Yela Garcia (1998), permitiram identificar diferenças, nos homens e nas mulheres, de representações e atitudes face à sexualidade. Na verdade, o "masculino" e o "feminino" têm uma função psicossocial em relação ao modo como se estruturam os papéis sexuais em determinado campo social e período histórico.

Segundo Vieira (2003) a identidade de género é o sentimento de masculinidade ou de feminilidade que a pessoa tem, sendo uma aquisição cultural progressiva que, por sua vez, é determinante do comportamento, como qualquer outra característica psicológica.

A identidade sexual ser homem ou mulher, diz respeito ao juízo que o indivíduo faz de si próprio, independentemente dos critérios da sociedade, uma vez que a convicção interna pode reflectir ou não a aparência externa e o papel de género imposto pela sociedade. No que se refere ao papel sexual este é o resultado da manifestação imposta pela sociedade, sendo o que mais define a vida das pessoas ao longo do seu ciclo.

Não é resultado de factores biológicos inatos, mas sim da variedade dos valores e normas que estão inseridas nas diferentes sociedades e culturas, onde o indivíduo se desenvolve, que o distingue de todas as outras pessoas.

Apesar das diversas transformações que o papel de género tem vindo a sofrer nos últimos anos, as expectativas continuam a ser diferentes para ambos os sexos, evidenciando-se maior tolerância para com o comportamento sexual dos indivíduos do sexo masculino, em oposição à maior repressão em relação à das raparigas (Pais, 1998).

De acordo com a teoria psicodinâmica, as diferenças de género na atracção romântica resultam das diferentes experiências de infância e das diferentes tarefas de desenvolvimento psico-sexual vividas pelos rapazes e pelas raparigas (Pines, 1998). Por sua vez, a teoria evolucionista defende que as diferenças de género resultam das diferenças inerentes ao ser homem ou mulher (fisicamente).

Assim, masculino e feminino são qualidades de género, logo, "algo que transcende a vicissitude biológica, inscrevendo-se no plano da vivência e constituindo o âmago da identidade sexual" (Alvarez, 1995).

5.9. Intervenções de Enfermagem na Sexualidade

A sexualidade constitui um tema que exige ser abordado de modo multidisciplinar. É fundamental a formação de grupos, desde equipas ministeriais, políticos, direcção das escolas, professores, membros da comunidade, profissionais de saúde e da área psicossocial, entre outros, para estudarem, compreenderem e intervirem da forma mais eficaz junto dos jovens considerados de risco, de modo a que estes alterem as suas atitudes e comportamentos.

A sexualidade tem início desde os primeiros anos de vida da criança. Há evidências de que a comunicação aberta desde uma idade precoce constitui uma das mais eficazes medidas para prevenir uma deficiente saúde sexual, dado que a puberdade

se inicia cada vez mais cedo nos dias de hoje. O Centro Federal de Educação para a Saúde na Alemanha apresentou o conceito e as ferramentas relevantes para a implementação da educação sexual nos jardins-de-infância. Disponibilizaram vários materiais para as crianças e professores, com o objectivo de as fazer tomar consciência do seu corpo e dos seus papéis e identidade do género, encorajando as crianças a falarem sobre os seus sentimentos e a identificarem e estabelecerem barreiras para o seu bem-estar pessoal. O currículo centra-se em aspectos positivos como a amizade, a família, a ternura e o amor, informa as crianças sobre concepção, gravidez e nascimento, estimulando as crianças a fazerem perguntas com base nas suas necessidades pessoais de informação. Vilar, D. (2008). Educação Sexual em rede. *Associação para o Planeamento familiar*. (Nº4 Outubro 2008)

É bastante importante que as crianças tenham uma informação adequada e atempada sobre as suas alterações corporais e processos sexuais. Portanto é aconselhável iniciar a educação sexual, incluindo a promoção de competências para a vida, numa idade precoce, embora seja discutível em que idade é esta informação apropriada.

Actualmente um factor de grande influência e impacto de informação junto dos jovens, que tem vindo a ganhar cada vez mais, maior visibilidade, são os *mass media*, que oferecem e divulgam de modo extraordinariamente veloz novas ideias, mensagens, valores morais e maneiras de estar na vida, de forma alternativa a atractiva. Se antes eram as revistas, livros, jornais e a televisão a que os jovens recorriam, hoje existe um meio de comunicação muito mais eficaz na área da sexualidade, a Internet. Segundo a autora Bay-Cheng (2001), a Internet permite ao jovem aceder, de forma independente e discreta, a toda a informação sobre a sexualidade e a educação nessa área, que como sabemos nem sempre está formulada de forma correcta e científica. Como afirma Folscheid (2002:179) “É em primeiro lugar pela linguagem das imagens que o sexo constrói, hoje em dia, o seu lugar ao sol. Isto assenta perfeitamente na nossa época, que nos faz viver, de forma permanente, numa orgia de imagens de todos os tipos. No tempo do audiovisual é normal que apareça o sexo visual...o sexo encontra nos media um excelente meio de difusão”.

Visto que os *mass media*, actualmente atingiram um patamar de enorme influência, as equipas multidisciplinares que foram referenciadas anteriormente, podem recorrer e apoiar-se precisamente nestes meios de divulgação de modo a chegar de forma mais rápida e eficaz junto dos jovens, conseguindo assim, juntar mais um aliado, na luta pela promoção da saúde em Portugal.

O contexto familiar é bastante importante na formação das atitudes, comportamentos e na construção de identidade dos jovens. Contudo não podemos esquecer que também os progenitores têm dificuldades quer a nível da comunicação sobre o tema quer a nível dos conhecimentos que também podem ser ausentes ou insuficientes e como tal, evitam abordar este assunto. Como tal, os profissionais não devem negligenciar este grupo, devem sim, tentar chegar até eles, criando um programa de apoio parental organizado, com o objectivo de colmatar as suas falas, dúvidas, atitudes e comportamentos que demonstram perante os seus filhos, neste tema tão complexo e abrangente que é a sexualidade. Pelo contrário existem famílias que possuem uma comunicação aberta e eficaz, mas o seu carácter será sempre informal. Como tal, não podemos delegar apenas nas famílias a educação sexual dos jovens.

Num estudo realizado na revista “Teste Saúde” (Abril 2006), cerca de 90% dos inquiridos estavam de acordo com a educação sexual nas escolas e 87% consideravam que ela deveria ser obrigatória. A educação sexual nas escolas deixou de ser um tema polémico, nem causador de conflitos com as famílias. A escola por ser um espaço de ensino formal e de saberes interdisciplinares é capaz de transmitir conhecimentos técnicos e científicos que as famílias não conseguem promover.

Fora do currículo das escolas, podem criar-se diversos espaços e programas onde os jovens e profissionais se possam juntar, com o intuito de transmitir e receber conhecimentos. Para que estes projectos tenham sucesso, talvez seja necessário que ocorram de forma confidencial e num cenário social confortável e agradável para os grupos-alvo.

A abordagem deve ser realizada segundo uma perspectiva holística, abrangendo o aspecto biológico, psicológico, afectivo e social; democrática, promovendo a capacidade de escolha e de decisão; sistemática, duradoura e não pontual, pois está provado que quanto mais tempo estiverem envolvidos, melhores os resultados em termos de redução de comportamentos de risco. É importante que o programa seja centrado de acordo com as necessidades da população-alvo, ou seja, características e vivências da faixa etária da população a que se destinam, não esquecendo as diferentes raças, religiões, meios sócio-económicos, graus de maturidade, experiências e orientações sexuais. A metodologia participativa é a mais indicada para esta abordagem, colocando o jovem como principal agente da sua própria aprendizagem, possibilitando assim o desenvolvimento de conhecimentos e competências. Não devemos esquecer que para que os jovens usufruam eficazmente da educação sexual e adotem estilos de vida saudáveis, devem estar motivados e empenhados nesta mudança.

O formador deve possuir uma atitude favorável (não conservadora) em relação à educação sexual pois atribuirá maior importância ao tema, desenvolverá maior motivação para a leccionar e mais facilmente a implementará. O humor e o entusiasmo também são aspectos importantes para o sucesso, que devem estar presentes e que os jovens devem sentir por parte dos formadores que estão a trabalhar nestes programas de educação sexual. Devem usar mensagens aceitáveis, simples e compreensíveis para chegar até eles. Dada a carga emotiva da sexualidade e da educação sexual “aconselha-se que a educação sexual seja leccionada...por aqueles docentes que efectivamente se sintam bem com ela” (Lemos, 2002, p.48) pelo que assume uma importância significativa o grau de conforto na abordagem dos tópicos a desenvolver.

Podem ser pedidos trabalhos de pesquisa individual, a pares ou em grupos, a resolução de problemas a partir de situações, modelos reais, jogos de clarificação de valores, utilização de questionários para recolha de opiniões, dramatização, visitas de especialistas, produção de cartazes, caixas de perguntas, fichas de trabalho, exploração de vídeos e outros meios audiovisuais. Criar tempos de debates onde todos os jovens colocam as suas diferentes e variadas dúvidas, medos, pensamentos e valores.

Estudos comprovam que os jovens que integram programas de educação sexual adquirem um conhecimento correcto e essencial sobre a sua sexualidade e uma maior percepção e prevenção das situações de risco, aumentando assim os comportamentos preventivos.

Na Austrália foi criado um projecto designado por “*Love Tours*” que consiste na circulação de dois autocarros que disponibilizam material informativo na escola a estudantes sob anonimato. A comunicação por meio de uma comunidade na Internet, como o projecto alemão comunitário “*Love Line*” também é uma ferramenta testada.

A Revista Educação Sexual em Rede (Setembro de 2009) publicou um estudo cujo tema era A Educação Sexual dos Jovens – Conhecimentos e Fontes cuja conclusão foi de que o recurso a profissionais e serviços de saúde é reduzido, em parte justificado pelo facto (afirmado pelos jovens) de nunca terem sentido necessidade, mas por outro, poderá estar relacionado com a falta de informação e dificuldade de acesso. É pois necessário manter a educação para a saúde sexual e reprodutiva dos jovens, não somente numa perspectiva informativa em sala de aula mas num reforço de cooperação entre a escola e os serviços de saúde e outros serviços de ajuda, como linhas telefónicas de ajuda.

No dia 1 de Junho de 1998, o Instituto Português da Juventude e a Associação para o Planeamento da Família celebraram um protocolo para a criação de uma linha telefónica da ajuda inédita em Portugal: a Sexualidade em Linha. Formou-se mais uma porta para a transmissão e esclarecimento de informação no âmbito da saúde sexual e reprodutiva em Portugal, privilegiando o acesso a uma resposta técnica, empática e eficaz de ajuda imediata, bem como de encaminhamento caso seja necessária a intervenção de outro profissional, nomeadamente, na área da saúde, justiça ou acção social.

Na conferência de Colónia sobre Educação Sexual dos Jovens numa Europa Multicultural surgiu uma questão central no que diz respeito ao modo como nos dirigimos a rapazes em educação sexual, visto que os serviços de saúde sexual e

reprodutiva têm dificuldade em chegar ao sexo masculino, já que as questões de saúde sexual e reprodutiva têm sido consideradas apenas no domínio das mulheres.

Também os rapazes estão presos a modelos tradicionais de masculinidade, que envolvem capacidade de decisão, energia, auto-controlo e estoicidade, como é que estes se transformam em homens, faltando-lhes portanto, a informação para ultrapassar estes rituais segundo os constantes processos de socialização. O que quer dizer, que este tema não deve ser esquecido nem posto de parte, mas sim deve ser reflectido e estudado de modo a alterar os serviços actuais para chegar até aos jovens do sexo masculino. Vilar, D. (2008). Educação Sexual em rede. *Associação para o Planeamento familiar*. (Nº4 Outubro 2008)

II. Fase Metodológica

1. Tipo de Estudo

O estudo obedece a um desenho característico de um estudo não experimental, dado que não há manipulação de variáveis independentes (Pedhazur & Schmelkin, 1991; Fortin, 1999). Tendo em conta, a natureza dos dados e o período de colheita de informação, esta investigação pode classificar-se em quantitativa, descritivo-correlacional, já que vai ser explorado e determinado a existência de relações entre variáveis com vista a descrever essas relações e, transversal pois é feita apenas uma medição no tempo.

2. Definição de Variáveis

“As variáveis são qualidades, propriedades ou características de objectos, de pessoas, ou de situações que são estudadas numa investigação.” Fortin (1999, p.36)

Com o objectivo de realizar uma análise acerca das atitudes e comportamentos sexuais dos jovens e os seus possíveis determinantes a nível individual e familiar, pode-se assim considerar as seguintes variáveis:

- Atitudes e Comportamentos Sexuais;
- Sexo e Idade;
- Experiências Sexuais;
- Educação Sexual Recebida;
- Religião;
- Percepção das Atitudes e Comportamentos Parentais, Grau de Instrução e Profissão dos Pais;
- Ano que frequentam na Licenciatura de Enfermagem.

3. População em Estudo

“A população compreende todos os elementos (pessoas, grupos, objectos) que partilham características comuns, as quais são definidas pelos critérios estabelecidos para o estudo”. Fortin (1999, p.41)

A população-alvo foi constituída por estudantes da Licenciatura de Enfermagem, da Universidade Fernando Pessoa, com o objectivo de conhecer, por um lado, se existem diferenças de conhecimentos relativamente à sexualidade, do primeiro para o último ano, e por outro, para conhecer se estes futuros profissionais de saúde dispõem de conhecimentos assertivos, acerca desta temática.

4. Amostra

“Uma amostra é um subconjunto de elementos ou de sujeitos tirados da população que são convidados a participar no estudo. É uma réplica, em miniatura da população-alvo.” (Fortin, 1999, p.41)

Esta amostra foi então constituída pelos alunos do sexo masculino e feminino, do 1ºano e 4ºano da Licenciatura de Enfermagem da Universidade Fernando Pessoa.

5. Método de Colheita de Dados

Os instrumentos de recolha de dados definiram-se tendo em conta a natureza dos fenómenos que se pretendem estudar e o tipo de estudo a efectuar, de natureza quantitativa. Pelo que, a recolha dos dados junto dos sujeitos, será feita através de um questionário auto-administrado e anónimo. Esta metodologia prende-se ainda com os objectivos do estudo e as características dos elementos constituintes da amostra dado que, a escolha do método de recolha de dados faz-se em função da

natureza das variáveis e da estratégia de análise prevista. (Polit & Hungler, 1985; Fortin, 1999)

Para além do questionário de auto-preenchimento permitir uma distância mínima e distante do investigador (Ghiglione & Matalon, 1993), e dada a área em estudo ser a sexualidade, permite maximizar a privacidade dos respondentes, minimizando a relutância da participação e a possibilidade de respostas defensivas ou socialmente desejáveis. Acrescido ainda ao facto, dos dados obtidos através da auto-informação, serem um dos procedimentos metodológicos mais utilizados no estudo das relações pessoais e em algumas situações ser a única forma de aceder a condutas íntimas, como por exemplo, as condutas sexuais. (Harvey, Christensen et McClintock, 1983; Clark et Reis, 1988; Brehm, 1992; Hendrick, 1992).

6. Instrumento de Colheita de Dados

O questionário utilizado foi baseado no questionário validado pela Prof^a. Doutora Maria Teresa Calvário Antunes, à qual foi solicitado previamente autorização para o efectuar.

Porém, não foi utilizado o questionário na sua totalidade devido ao facto da sua extensão ser demasiado alargada e a minha amostra ser composta por um número inferior.

Para avaliar a dimensão “Atitudes e comportamentos sexuais” foram utilizados dois Instrumentos:

- Inventário Psico-sexual de Snyder, (construído por Snyder, Simpson e Gangestad [1986]), que avalia de forma genérica as praticas e atitudes sexuais;

- Escala de Atitudes Sexuais de Hendrick & Hendrick (1987), na qual foram avaliadas as seguintes dimensões:

- PRE (Permissividade Sexual): atitudes face ao sexo ocasional, ao sexo sem compromisso e a diversidade e simultaneidade de parceiros sexuais;
- PRA (Práticas Sexuais): referente a atitudes face ao planeamento familiar e a educação sexual;
- COM (Comunhão): refere-se a atitudes para com o sexo como a experiência íntima, física e psicológica, partilha, envolvimento e idealismo.

- Inventário de Percepção Juvenil de Streit (1078), procurou avaliar as atitudes e percepções parentais, em termos de duas dimensões principais:

- Afecto (amor/ hostilidade): remete para a qualidade afectiva da relação com os pais e tem subjacente, conceitos que vão da aceitação, protecção, calor afectivo a frieza emocional, rejeição total e parcial.
- Práticas educativas (controlo/autonomia): remete as práticas educativas e inclui conceitos de autoritarismo, indução e punição.

7. Pré-Teste

O pré-teste é uma etapa indispensável no decorrer da investigação, pois permite detectar e resolver problemas imprevistos, com o objectivo de melhorar o questionário e visando a validação do mesmo.

Segundo Fortin (1999, p. 253), “o pré-teste consiste no preenchimento do questionário por uma pequena amostra que reflecta a diversidade da população visada (entre 10 a 30 sujeitos), a fim de verificar se as questões podem ser bem compreendidas. (...) o pré-teste tem por objecto principal avaliar a eficácia e a pertinência do questionário.”

Devido ao facto do questionário original não ter sido utilizado na íntegra para este estudo, procedeu-se à aplicação do pré-teste a 10 alunos, de forma aleatória na Universidade Fernando Pessoa do Porto.

Após a aplicação deste, pôde-se concluir que não havia nenhuma questão que suscitasse dúvidas ou levantasse algum problema para a investigação. Sendo assim, excluiu-se na amostra em estudo os 10 alunos a quem foi aplicado o pré-teste.

8. Considerações Éticas

Quando as investigações são aplicadas a seres humanos, levanta questões morais e éticas, sendo necessário proteger os deveres e direitos das pessoas que participam na investigação.

Segundo Fortin (1999, p. 116), “a investigação aplicada a seres humanos pode, por vezes, causar danos aos direitos e liberdades da pessoa. Por conseguinte, é importante tomar todas as disposições necessárias para proteger os direitos e liberdades das pessoas que participam nas investigações. Cinco princípios ou direitos fundamentais aplicáveis aos seres humanos foram determinados pelos códigos de ética...”

Neste contexto, foi tido o cuidado de proteger os direitos e as liberdades das pessoas durante toda a investigação, regendo-se por cinco princípios fundamentais aplicáveis aos seres humanos e que são os seguintes:

- ✓ Direito à autodeterminação – baseia-se no princípio ético do respeito pelas pessoas, segundo o qual qualquer pessoa tem o direito de decidir por ela própria. O sujeito tem o direito de decidir livremente sobre a sua participação ou não numa investigação (Fortin, 1999).

- ✓ Direito à intimidade – faz referência à liberdade da pessoa de decidir sobre a extensão da informação que quer dar e a determinar em que medida aceita partilhar informações íntimas e privadas. O investigador deve durante toda a investigação proteger o anonimato da pessoa e a confidencialidade dos dados recolhidos (Fortin, 1999).

- ✓ Direito ao anonimato e à confidencialidade – este direito é respeitado se a identidade do sujeito não for associada às respostas individuais, nem pelo próprio investigador. Os resultados devem ser apresentados de forma a que nenhum dos participantes do estudo possa ser reconhecido nem pelo investigador, nem pelo leitor do relatório de investigação. Contudo é evidente que os dados pessoais não podem ser divulgados ou partilhados sem a autorização do sujeito (Fortin, 1999).

- ✓ Direito à protecção contra o desconforto e o prejuízo – este direito corresponde às regras de protecção da pessoa contra desconfortos capazes de lhe fazerem mal ou de a prejudicarem (Fortin, 1999).

- ✓ Direito a um tratamento justo e equitativo – os sujeitos têm direito a receber um tratamento justo e equitativo, antes, durante e após a investigação. Este direito refere-se que o sujeito tem de ser informado sobre a natureza, o fim e a duração da investigação para a qual é solicitada a participação dessa pessoa. Este princípio apela a que a escolha dos sujeitos seja directamente ligada ao problema de investigação e não baseada na conveniência ou unicamente na disponibilidade dos sujeitos (Fortin, 1999).

Durante a realização deste trabalho de investigação, foram respeitadas as considerações éticas da seguinte forma:

- Salvaguarda da confidencialidade da informação obtida e o anonimato dos questionários;

- Todas os sujeitos que participaram no estudo foram voluntários;

- Foi esclarecido às pessoas acerca do estudo e dos métodos utilizados, bem como a sua importância no estudo;

- Respeito pela pessoa que participou no estudo;

9. Método de Tratamento e Análise de Dados

Visto que se trata de um estudo quantitativo, os dados obtidos através da aplicação do questionário, foram submetidos a um tratamento estatístico através do programa Statistical Package for The Social Sciences para computadores pessoais (SPSS/PC), versão 18.0 para o Windows. O nível de significância utilizado será para a validação das hipóteses de $\alpha=5\%$

Em relação à descrição da amostra, as variáveis qualitativas são resumidas através de tabelas de frequências e de contingência apresentando as suas frequências e percentagens apropriadas em cada categoria. No que respeita a variáveis quantitativas são resumidas usando a mediana, média, mínimos, máximos e desvios padrão. Nas variáveis em que existem dados em falta as frequências são determinadas para os casos válidos.

Para a operacionalização das dimensões das escalas de atitudes e comportamentos sexuais (Snyder, COM, PER, e PRA) e de percepção das atitudes e comportamentos parentais (Amor, Autonomia, Controlo, Hostilidade), criou-se um *score* calculando a média dos itens pertencentes a cada um desses factores. Optou-se por esse *score* em detrimento da soma dos itens, para ser possível a comparação entre as diversas dimensões de cada escala. Os factores da escala de atitudes e comportamentos sexuais tinham *scores* entre 1 e 6, em que quanto maior o *score* maior o nível de concordância. Em relação à escala de percepção das atitudes e comportamentos parentais os *scores* variavam entre 1 e 3 (a resposta mãe e pai tinha um *score* 3, só mãe ou só pai 2 e nem mãe nem pai 1). A fidelidade das dimensões das escalas foi avaliada através do Alpha de Crombach. Relativamente à normalidade das dimensões, a sua avaliação foi realizada através do teste Kolmogorv-Smirnov. A Tabela 1 refere os resultados obtidos, observando-se que nenhum dos factores das duas escalas analisadas segue a distribuição normal ($p<0.05$), pelo que os métodos

estatísticos utilizados, para a validação das hipóteses, são baseados na teoria não paramétrica. Assim sendo, utilizaram-se os testes Mann-Whitney e Kruskal-Wallis e o teste à correlação de Spearman.

Tabela 1 – Testes de Normalidade de Kolmogorov-Smirnov para as dimensões das duas escalas

Dimensão	Escala	Kolmogorov-Smirnov		
		Statistic	Df	Sig.
Atitudes e comportamentos sexuais	Snyder	0,199	58	0,000
	COM	0,184	58	0,000
	PER	0,162	58	0,001
	PRA	0,290	58	0,000
Percepção das atitudes e comportamentos parentais	AMOR	0,179	58	0,000
	AUTONOMIA	0,318	58	0,000
	CONTROLO	0,186	58	0,000
	HOSTILIDADE	0,193	58	0,000

10. Análise de Dados

Alguns inquiridos não responderam à totalidade das perguntas, mas optou-se por considerar esses questionários válidos e nessas respostas considerar o N de amostra diferente.

10.1. Descrição da amostra

A Tabela 2 sintetiza as características sócio-demográficas dos alunos inquiridos. Dos 59 questionários aplicados 30 correspondiam a alunos do 1º ano enquanto os restantes 29 eram alunos do 4º ano. Observando-se a distribuição da amostra por sexo constata-se que 66.1% (n=39) eram do sexo feminino, sendo a média etária de 23.4 anos variando a idade entre 18 e 35 anos. Relativamente à residência, 72.7% (n=40) residiam com os pais e 14.5% (n=8) residiam com o namorado/cônjuge (dois alunos eram casados), sendo que 47.5% (n=28) residiam em meio urbano e 27.1%

(n=16) em meio rural. No que respeita aos pais dos alunos, 82.5% (n=47) e 70.2% (n=40) dos pais e mães respectivamente, estavam empregados. O grau de instrução do pai com maior frequência era o ensino básico ou equivalente correspondendo a 51.8% (n=29) e no que respeita a um grau académico superior somente 14.3% (n=8) dos pais o possuíam. Ao nível materno 41.4% (n=24) tinham o ensino secundário ou equivalente e 19% (n=11) formação superior. A religião dominante dos alunos era a católica correspondendo a 92.6% (n=50).

Tabela 2 – Características sócio-demográficas da amostra

		N	%
Ano	1º ANO	30	50,8%
	4º ANO	29	49,2%
	Total	59	100,0%
Sexo	Masculino	20	33,9%
	Feminino	39	66,1%
	Total	59	100,0%
Idade	Média ± Desvio Padrão	23,4±3,9	
	Mediana (Mínimo - Máximo)	22,0 (18,0 - 35,0)	
Reside com	Pais	40	72,7%
	Outros familiares	3	5,5%
	Namorado/cônjuge	8	14,5%
	Outros	2	3,6%
	Sozinha	2	3,6%
	Total	55	100,0%
Meio	Meio rural	16	27,1%
	Meio semi-urbano	15	25,4%
	Meio urbano	28	47,5%
	Total	59	100,0%
Situação do pai face ao trabalho	Empregado	47	82,5%
	Desempregado	5	8,8%
	Reformado	5	8,8%
	Total	57	100,0%
Situação da mãe face ao trabalho	Empregada	40	70,2%
	Desempregada	12	21,1%
	Reformada	4	7,0%
	Doméstica	1	1,8%
	Total	57	100,0%
Grau de instrução do pai	Ensino básico ou equivalente	29	51,8%
	Ensino secundário ou equivalente	19	33,9%
	Ensino superior	8	14,3%
	Total	56	100,0%
Grau de instrução da mãe	Ensino básico ou equivalente	23	39,7%
	Ensino secundário ou equivalente	24	41,4%
	Ensino superior	11	19,0%

	Total	58	100,0%
Religião	Católica	50	92,6%
	Outras	2	3,7%
	Agnóstico	2	3,7%
	Total	54	100,0%

A Tabela 3 representa a descrição dos alunos inquiridos no que se refere às experiências sexuais bem como formação sobre a sexualidade recebida. Dos alunos inquiridos, 69% (n=40) tinham namorado e 3,4% (n=2) eram casados. Para os que já tinham iniciado a vida sexual, a idade média da primeira relação sexual era de 16.8 anos, variando esta entre os 13 e os 21 anos, 90.6% (n=48) utilizavam métodos contraceptivos, 80% (n=40) tiveram relações sexuais no último mês. Destes, o número de relações sexuais no último mês estava compreendido entre as 2 e as 40, inclusive, com uma média de 11.5. Em relação à informação existente sobre a sexualidade, 47.4% (n=27) e 45.6% (n=26) consideram-na muito boa ou boa respectivamente, tendo 48.3% (n=28) recebido formação sobre essa temática no ensino secundário, sendo esta incluída em planos curriculares em 57.1% (n=16) dos alunos inquiridos.

Tabela 3 – Experiências e formação sexuais da amostra

		N	%
Namorado	Não	16	27,6%
	Sim	40	69,0%
	Casado	2	3,4%
	Total	58	100,0%
Idade da primeira relação sexual	Média±Desvio Padrão	16,7±1,8	
	Mediana (Mínimo - Máximo)	16,0 (13,0 - 21,0)	
Contraceção	Não	5	9,4%
	Sim	48	90,6%
	Total	53	100,0%
Relações sexuais	Não	10	20,0%
	Sim	40	80,0%
	Total	50	100,0%
Número de relações sexuais no último mês	Média±Desvio Padrão	11,5±8,5	
	Mediana (Mínimo - Máximo)	10,0 (2,0 - 40,0)	
Informação sobre sexualidade	Muito boa	27	47,4%
	Boa	26	45,6%
	Suficiente	3	5,3%
	Insuficiente	1	1,8%
	Total	57	100,0%
Formação sobre	Não	30	51,7%

sexualidade no ensino secundário	Sim	28	48,3%
	Total	58	100,0%
Tipo de formação no secundário	Curricular	16	57,1%
	Extracurricular	12	42,9%
	Total	28	100,0%

No que respeita às atitudes e comportamentos sexuais (Tabela 4), observa-se um nível médio mais elevado de concordância na dimensão PRA (Média \pm Desvio Padrão = 5.56 ± 0.60), sucedida pela dimensão COM (Média \pm Desvio Padrão = 4.49 ± 0.87). As dimensões Snyder e PER eram aquelas em que os alunos revelaram um menor nível médio de concordância (Média \pm Desvio Padrão = 2.15 ± 1.30 e Média \pm Desvio Padrão = 2.13 ± 1.01 , respectivamente). Na escala sobre a percepção das atitudes e comportamentos parentais (Tabela 4), o factor Hostilidade foi aquele que apresentou um *score* médio inferior (Média \pm Desvio Padrão = 1.30 ± 0.34), enquanto o factor AMOR tinha o nível médio superior (Média \pm Desvio Padrão = 2.48 ± 0.48). As dimensões Autonomia e Controlo tinham *scores* médios de 2.37 ± 0.80 e 2.34 ± 0.62 , respectivamente.

Tabela 4 – Medidas descritivas para as dimensões das duas escalas

	Média	Mediana	Mínimo	Máximo	Desvio padrão
Snyder	2,15	1,75	1,00	5,50	1,30
COM	4,49	4,67	2,50	6,00	0,87
PER	2,13	2,00	1,00	5,80	1,01
PRA	5,56	6,00	3,67	6,00	0,60
AMOR	2,48	2,57	1,00	3,00	0,48
AUTONOMIA	2,37	3,00	1,00	3,00	0,80
CONTROLO	2,34	2,33	1,00	3,00	0,62
HOSTILIDADE	1,30	1,14	1,00	3,00	0,34

10.2. Fidelidade das Escalas

A fidelidade das escalas foi avaliada através do Alpha de Crombach, os resultados encontram-se na Tabela 5.

Em relação aos factores das atitudes e comportamentos sexuais, observa-se que a dimensão Snyder tem o valor mais elevado de fiabilidade (Alpha=0.886), sucedida pela dimensão PER (Alpha=0.752) e pelas PRA (Alpha=0.674) e COM (Alpha=0.663). Nestas duas últimas situações apesar de valores baixos de Alpha de Crombach, os mesmos são considerados aceitáveis uma vez que nenhuma é inferior a 0.60 (Nunnally, 1978).

Na escala de percepção de atitudes e comportamentos parentais, os níveis mais elevados de fiabilidade ocorreram nas dimensões Autonomia (Alpha=0.854) e Amor (Alpha=0.836) e os valores mais baixos, mas mesmo assim aceitáveis, foram observados nas dimensões Controlo (Alpha=0.69) e Hostilidade (Alpha=0.703).

Tabela 5 – Alpha de Crombach para as dimensões das duas escalas

Escala	Dimensão	Nº de itens	Itens	Alpha de Crombach
Atitudes e comportamentos sexuais	Snyder	4	1, 2, 3, 4 (2ª parte)	0,886
	COM	6	6, 9, 12, 14, 16, 17 (2ª parte)	0,663
	PER	5	7, 8, 11, 13, 15 (2ª parte)	0,752
	PRA	3	5, 10, 18 (2ª parte)	0,674
Percepção das atitudes e comportamentos parentais	AUTONOMIA	2	1, 2 (3ª parte)	0,854
	AMOR	7	3, 4, 5, 6, 7, 18, 19 (3ª parte)	0,836
	CONTROLO	3	8, 9, 16 (3ª parte)	0,690
	HOSTILIDADE	7	10, 11, 12, 13, 14, 15, 17 (3ª parte)	0,703

Analizou-se a correlação entre os factores das escalas. Relativamente às dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais (Tabela 6) existe uma correlação estatisticamente significativa ($p < 0.05$) entre o factor PER e os factores Snyder e COM. Em ambos os casos as correlações eram positivas, isto é, quando mais elevado o *score* de um factor mais elevado o *score* do outros. Em relação à escala de percepções das atitudes e comportamentos parentais observa-se, na Tabela 7, uma relação estatisticamente significativa ($p < 0.05$) entre o factor Amor e os factores Autonomia e Controlo. Observa-se igualmente uma correlação estatisticamente significativa ($p < 0.05$) entre as dimensões Autonomia e Controlo, e desta última com a dimensão Hostilidade.

Tabela 6 – Correlação de Spearman para as dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais

	Snyder	COM	PER	PRA
Snyder	1,000			
COM	0,170	1,000		
PER	0,687**	0,465**	1,000	
PRA	-0,071	0,127	-0,139	1,000

*p<0.05; **p<0.05, ***p<0.05

Tabela 7 – Correlação de Spearman para as dimensões da escala de percepções das atitudes e comportamentos parentais

	AMOR	AUTONOMIA	CONTROLO	HOSTILIDADE
AMOR	1,000			
AUTONOMIA	0,359**	1,000		
CONTROLO	0,450**	0,389**	1,000	
HOSTILIDADE	-0,052	0,073	0,335*	1,000

*p<0.05; **p<0.05, ***p<0.05

10.3. Questões de Investigação

Neste último ponto dos resultados analisam-se os resultados referentes às questões de investigação.

A Tabela 8 representa os resultados referentes à primeira questão de investigação. Observa-se que, entre os diversos meios de residência, não existem diferenças significativas ($p>0.05$) nas dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais, pelo que não existe uma associação significativa entre estas variáveis.

Tabela 8 – Estatísticas descritivas das dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais segundo o meio e Teste de Kruskal-Wallis

	Meio	N	Média	Desvio padrão	Média postos	Qui	p
Snyder	Meio rural	16	2,09	1,22	29,97	0,047	0,977
	Meio semi-urbano	15	2,17	1,26	30,77		
	Meio urbano	28	2,17	1,41	29,61		
COM	Meio rural	16	4,18	1,04	25,94	1,404	0,496

	Meio semi-urbano	15	4,56	0,89	30,07		
	Meio urbano	28	4,63	0,72	32,29		
PER	Meio rural	16	2,04	0,88	28,81	0,106	0,948
	Meio semi-urbano	15	2,13	0,98	30,40		
	Meio urbano	28	2,18	1,13	30,46		
PRA	Meio rural	16	5,34	0,80	25,94	2,044	0,360
	Meio semi-urbano	15	5,70	0,50	34,07		
	Meio urbano	28	5,61	0,49	30,14		

Em relação à segunda questão de investigação (Tabela 9), observa-se que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p > 0.05$) nos factores da escala de atitudes e comportamentos sexuais entre os alunos que tiveram e os que não tiveram formação em sexualidade, não existindo associação da formação com as atitudes e comportamentos sexuais.

Tabela 9 – Estatísticas descritivas das dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais segundo a existência ou não de formação sobre sexualidade no ensino secundário e Teste de Mann-Whitney

		N	Média	Desvio padrão	Média postos	U	Z	p
Snyder	Não	30	2,20	1,31	30,78	381,500	-0,614	0,539
	Sim	28	2,09	1,34	28,13			
COM	Não	30	2,15	1,31	31,78	351,500	-1,071	0,284
	Sim	28	4,57	0,94	27,05			
PER	Não	30	4,39	0,80	31,13	371,000	-0,766	0,444
	Sim	28	4,48	0,87	27,75			
PRA	Não	30	5,57	0,59	29,68	414,500	-0,092	0,926
	Sim	28	5,53	0,62	29,30			

As Tabelas 10, 11 e 12 analisam a associação da prática de relações sexuais no último mês, da utilização de preservativo, da idade da primeira relação sexual e do número de relações sexuais no último mês com os factores da escala de atitudes e comportamentos correspondendo à terceira questão de investigação. Somente a idade da primeira relação tem uma associação estatisticamente significativa ($p < 0.05$) com as dimensões Snyder e PRE das atitudes e comportamentos sexuais, sendo uma

associação negativa o que indica que quanto mais tarde é a primeira relação sexual menor é o nível de concordância com os itens desses factor.

Tabela 10 – Estatísticas descritivas das dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais segundo ter ou não relações sexuais no último mês e Teste de Mann-Whitney

		N	Média	Desvio padrão	Média postos	U	Z	p
Snyder	Não	10	2,83	1,35	31,80	137,000	-1,547	0,122
	Sim	40	2,19	1,31	23,93			
COM	Não	10	4,18	1,15	19,60	141,000	-1,437	0,151
	Sim	40	4,67	0,75	26,98			
PER	Não	10	2,28	0,78	28,00	175,000	-0,608	0,543
	Sim	40	2,23	1,11	24,88			
PRA	Não	10	5,42	0,63	23,00	175,000	-0,645	0,519
	Sim	40	5,53	0,62	26,13			

Tabela 11 – Estatísticas descritivas das dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais segundo a utilização ou não de preservativo e Teste de Mann-Whitney

		N	Média	Desvio padrão	Média postos	U	Z	p
Snyder	Não	5	2,20	1,16	28,40	113,000	-0,217	0,828
	Sim	48	2,23	1,36	26,85			
COM	Não	5	4,37	1,00	25,30	111,500	-0,260	0,795
	Sim	48	4,54	0,87	27,18			
PER	Não	5	2,52	1,10	32,90	90,500	-0,901	0,368
	Sim	48	2,14	1,03	26,39			
PRA	Não	5	5,17	0,80	20,00	85,000	-1,138	0,255
	Sim	48	5,57	0,59	27,73			

Tabela 12 – Correlação de Spearman entre a idade da primeira relação sexual e o número de relações sexuais no último mês e as dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais

	Snyder	COM	PER	PRA
Idade da primeira relação sexual	-0,278*	-0,066	-0,286*	0,123
Relações sexuais no último mês	0,255	0,014	0,220	0,198

*p<0.05; **p<0.05, ***p<0.05

Na Tabela 13 estão representadas correlações de Spearman entre as dimensões da escala de percepções de atitudes e comportamentos parentais e as dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais. Observa-se uma correlação estatisticamente significativa ($p < 0.05$) entre a dimensão PER das atitudes e comportamentos sexuais e as dimensões Amor e Autonomia da escala de percepção de atitudes e comportamentos parentais e o factor PRA das atitudes e comportamentos sexuais e a dimensão Hostilidade da escala de percepção de atitudes e comportamentos parentais. Estas associações são negativas, indicando que quanto maior o *score* das dimensões Amor e Autonomia das percepções relativas aos pais menor o grau de concordância com a dimensão PER e quanto maior o *score* da dimensão Hostilidade menor o grau de concordância com o factor PRA.

Tabela 13 – Correlação de Spearman entre as dimensões da escala de percepções das atitudes e comportamentos parentais e as dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais

	Snyder	COM	PER	PRA
AMOR	-0,163	-0,205	-0,367**	-0,025
AUTONOMIA	-0,238	-0,044	-0,275*	-0,161
CONTROLO	-0,132	-0,003	-0,100	-0,162
HOSTILIDADE	0,099	-0,016	0,190	-0,328*

* $p < 0.05$; ** $p < 0.05$, *** $p < 0.05$

A Tabela 14 avalia a questão de investigação da associação entre o género e as atitudes e comportamentos. Observa-se que em todas as dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais, exceptuando a dimensão PRA, existem diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre os sexos masculino e feminino. Nos três factores os alunos do sexo masculino têm um maior nível de concordância com os itens do que o sexo feminino.

Tabela 14 – Estatísticas descritivas das dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais segundo o sexo e Teste de Mann-Whitney

		N	Média	Desvio padrão	Média postos	U	Z	p
Snyder	Masculino	20	2,68	1,28	37,95	231,000	-2,608	0,009
	Feminino	39	1,88	1,25	25,92			
COM	Masculino	20	4,84	0,76	36,90	252,000	-2,219	0,026
	Feminino	39	4,31	0,87	26,46			
PER	Masculino	20	2,65	1,14	39,15	207,000	-2,942	0,003
	Feminino	39	1,86	0,84	25,31			
PRA	Masculino	20	5,40	0,63	25,45	299,000	-1,580	0,114
	Feminino	39	5,64	0,57	32,33			

Os resultados da análise da última questão de investigação encontram-se na Tabela 15. A dimensão Snyder, das atitudes e comportamentos sexuais, é aquela em que existia uma associação estatisticamente significativa ($p < 0.05$) com o ano frequentado pelos alunos, sendo o *score* médio dos alunos do primeiro ano é superior ao dos alunos do quarto ano.

Tabela 15 – Estatísticas descritivas das dimensões da escala de atitudes e comportamentos sexuais segundo o ano e Teste de Mann-Whitney

		N	Média	Desvio padrão	Média postos	U	Z	p
Snyder	1º ANO	30	2,52	1,34	35,57	268,000	-2,593	0,010
	4º ANO	29	1,76	1,16	24,24			
COM	1º ANO	30	4,43	0,86	28,35	385,500	-0,754	0,451
	4º ANO	29	4,55	0,88	31,71			
PER	1º ANO	30	2,35	1,06	34,22	308,500	-1,926	0,054
	4º ANO	29	1,90	0,93	25,64			
PRA	1º ANO	30	5,58	0,52	29,60	423,000	-0,197	0,844
	4º ANO	29	5,54	0,68	30,41			

III. Fase Empírica

1. Discussão de Resultados

Passemos agora a discussão dos resultados obtidos face às questões de investigação colocadas inicialmente.

Relativamente às médias gerais obtidas para as dimensões e no que toca as escalas relativas as atitudes sexuais, os resultados demonstram maior nível de concordância nas dimensões PRA e COM que se referem a “atitudes face ao planeamento familiar e a educação sexual” e “sexo como a experiência íntima, física e psicológica, partilha, envolvimento e idealismo”. Este é um resultado positivo uma vez que demonstra a valorização de práticas positivas e responsáveis quanto a sexualidade. Permitem-nos verificar que os participantes não aceitam correr riscos, talvez por já terem beneficiado de alguma educação sexual (mesmo que informal e não sistemática). A dimensão PRE e Snyder apresentaram menores níveis de concordância demonstrando que a percepção das práticas enunciadas por essas dimensões são negativas e que as escalas avaliam conteúdos similares. Segundo a literatura se os jovens possuem conhecimentos, informação e motivação acerca da sua sexualidade, podem mudar as suas atitudes e, posteriormente, os seus comportamentos (Belo & Silva, 2004; Synovitz, Herbert, Kelley & Carlson, 2002), percebendo que a sexualidade pode ser vivida de forma saudável e feliz, precisando apenas de ter uma atitude positiva (Nodin, 2001). A autonomia, a liberdade de escolha e uma educação adequada são fundamentais para a estruturação de atitudes, competências e comportamentos responsáveis nos relacionamentos, assim como a importância da comunicação e do envolvimento afectivo e amoroso na vivência da sexualidade.

Relativamente à questão: “Quais as diferenças de atitudes e comportamentos sexuais dos jovens, segundo o ano de curso que frequentam?” concluiu-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre os alunos do 1ºano e 4ºano, nomeadamente no que toca aos itens do inventário de Snyder e a dimensão PRA do questionário do Hendrick & Hendrick (1987), ambas referentes às atitudes e práticas

sexuais. Para a primeira escala os alunos do 1ºano apresentam *scores* médios de resposta mais altos que os do 4ºano. Isto sugere que a variável ano de frequência do curso tem um impacto na percepção das relações sexuais sem vínculo/envolvimento emocional e na permissividade sexual, sendo que de acordo com as médias os alunos do primeiro ano serão mais permissivos no modo como encaram os seus envolvimento sexuais relativamente aos do 4ºano. Neste sentido a dimensão PER, também avaliada nesta análise e cujo conteúdo dos itens se encontra muito próximo dos da escala anterior, revelou um valor de p muito próximo da significância e os *scores* médios dos alunos do 1ºano foram mais altos que os do 4ºano, o que demonstra um eventual reforço da ideia mencionada anteriormente. Apesar deste resultado existem outros estudos que demonstram precisamente o contrário, onde é revelado que os jovens dos 18 aos 21 anos de idade têm mais competências, menos comportamentos de risco e mais comportamentos preventivos. Consideram ainda que os jovens mais novos referem mais que seria muito bom persuadir o parceiro a praticar sempre sexo seguro, utilizando sempre métodos contraceptivos. Enquanto, os jovens mais velhos apresentam uma atitude negativa face a estes potenciais comportamentos protectores, considerando pouco provável ter um comportamento sexual seguro. Estes resultados poderão ser explicados, devido ao facto do grupo etário mais novo ter tido uma educação sexual mais reforçada, com a integração da educação sexual em meio escolar, desde a entrada em vigor do Dec Lei nº60/2009 de 6 de Agosto.

Quanto às diferenças entre sexos, os resultados demonstram estatisticamente significativos para todas as dimensões avaliadas quanto às práticas sexuais, [itens do questionário de Snyder e dimensões do questionário de Hendrick & Hendrick(1987)], sendo que o sexo masculino apresenta *scores* médios mais altos que o feminino. Desta forma estes resultados são então válidos para a percepção das atitudes e práticas sexuais como mais permissivas e liberais por parte do sexo masculino em comparação com o sexo feminino. A literatura enfatiza que a maior parte das jovens procuram o amor, a intimidade e o compromisso enquanto os rapazes valorizam o prazer físico e o poder sexual. Dizem ainda que o conceito de duplo padrão sexual assume que homens e mulheres se distinguem quanto à permissividade dos comportamentos sexuais (Crawford & Popp, 2003) e nas motivações para a vida sexual e amorosa (Impett & Peplau, 2003). Contudo os estudos realizados a partir dos anos 60 (Reiss, 1967) e até

aos dias de hoje têm conduzido a resultados pouco claros. No entanto, a maior parte destas investigações apontam para uma maior permissividade sexual para o sexo masculino e enfatizam a maior necessidade de “pureza sexual” para a mulher. Apesar desta diversidade, os homens universitários parecem mais preocupados do que as mulheres em impressionar os seus pares e as mulheres mais interessadas em agradar a um parceiro ou em promover a intimidade de uma relação. Estas diferenças parecem contudo diminuir nas relações em que existe um compromisso (Impett & Peplau, 2003).

Na dimensão COM que se refere a “atitudes para com o sexo como a experiência íntima, física e psicológica, partilha, envolvimento e idealismo”, o sexo masculino releva valores médios mais altos que as mulheres, o que está em desacordo com o que tem sido encontrado na literatura, uma vez que o sexo feminino tende a valorizar mais estes aspectos. Contudo devemos referir que este factor incluía dois itens cujo conteúdo a nosso ver, se encontra em dissonância com a definição desta dimensão (“O orgasmo é melhor experiência do mundo” e “Usar instrumentos e objectos sexuais quando se faz amor é aceitável.”), facto sustentado pelo baixo valor Alpha de Crombach para este factor (0,663). Este facto poderá ter afectado os resultados relativos a esta dimensão. A literatura afirma que por um lado, existe um movimento em direcção a uma sexualidade casual ou episódica essencialmente associada com a característica masculina de evitar a intimidade. Este tipo de relação é caracterizado por uma perspectiva instrumental do sexo e por uma visão compulsiva do comportamento sexual que se exprime nos referidos encontros casuais. Por outro lado, há uma procura de relações íntimas que combinam o amor com o prazer sexual, geralmente associadas à mulher. Neste caso, entra-se na relação pelo que ela pode dar a cada um e só se mantém enquanto ambas as partes retirarem dela satisfação suficiente.

Em relação à influência do contexto familiar (em termos de práticas educativas adoptadas pelos pais no desenvolvimento dos seus filhos), nas práticas e atitudes sexuais os resultados apontam para uma co-relação significativa e negativa entre os factores amor e autonomia com o factor PER. O que nos indica que quanto mais o ambiente familiar promove a proximidade afectiva e autonomia em termos de responsabilização, menor serão os níveis de permissividade sexual nos jovens. Este

resultado é apoiado pela literatura que nos diz que quanto maior e melhor for a comunicação entre pais e filhos relativamente a questões acerca da sexualidade, maior será a responsabilidade e consciência dos jovens nesta área. Foi também encontrada uma correlação significativa e negativa entre as dimensões PRA e Hostilidade o que demonstra que quanto menor for a hostilidade no ambiente familiar maior será a valorização da importância de práticas associadas ao planeamento familiar e à educação sexual. Apesar destes resultados, (Barrosos, M., Fernandes, J., Sousa, L, 2006) faz referência ao facto de que “o diálogo entre pais e jovens no caso em estudo é muito restrito. Não há abertura para conversar sobre questões pessoais e íntimas. A dificuldade em procurar os pais para esclarecer dúvidas sobre assuntos relacionados à sexualidade está vinculada ao sentimento de medo de sofrer represálias. Tabus e preconceitos impedem o indivíduo, de até mesmo, procurar aprender”. Diante disso, o jovem busca auxílio com outros jovens, também imaturos, visando a troca de ideias e a partilha de medos, contribuindo dessa maneira, para a prática do sexo de forma insegura. Acreditando que os filhos não praticam a sua sexualidade, os pais evitam discutir sobre temas relacionados com sexo e ficam à espera de “algum sinal” que indique que o jovem descobriu a sexualidade. Entretanto, esse sinal pode surgir como produto de uma prática sexual desprovida de orientações ou baseada em informações inadequadas.

Em termos de práticas sexuais dos jovens este tópico foi analisado relativamente a três aspectos: “idade da primeira relação sexual” e “número de relações sexuais no último mês”. No que toca à idade da primeira relação sexual os valores de correlação significativos e negativos com os itens do questionário de Snyder e a dimensão PER revelam de acordo com o que literatura sustenta, que quanto mais tarde o jovem inicia a sua vida sexual, menor serão as suas atitudes de permissividade e promiscuidade face às relações sexuais. Em Portugal, alguns estudos com adolescentes constataam que os jovens iniciam mais cedo a sua vida sexual têm e esperam vir a ter mais parceiras sexuais do que as jovens e que, por contraponto, a taxa de virgindade é mais acentuada nestas últimas (Alferes, 1997; Vasconcelos, 1998). No estudo realizado por (Borges, A., Camacho, I., Ferreira, C., Ferreira, M., Gaspar, T., Ramiro, L., Reis, M., Tomé, G., Veloso, 2010) a investigação apresenta o mesmo sentido apontando o facto de os jovens do sexo masculino iniciarem, em média, a sua vida sexual mais cedo e possuírem maior número de parceiros/as sexuais do que as jovens do sexo feminino. De entre os que já

iniciaram a actividade sexual, verifica-se que para a maioria dos rapazes este início ocorreu antes dos 16 anos, enquanto para o sexo feminino este ocorreu já depois dos 16 anos. Portugal é o país onde a diferença entre os sexos, quanto ao início da actividade sexual, é mais acentuada (Monteiro & Raposo, 2005). Os jovens que referiram já ter tido relações sexuais afirmam maioritariamente que foi uma decisão por consentimento mútuo, em especial as mulheres. Destaca-se ainda estarem muito apaixonados/as, novamente em particular para as mulheres. Os homens mais frequentemente tiveram a primeira relação sexual por acaso e tomaram eles próprios a iniciativa. A maioria dos jovens considera que os sentimentos, comunicação e o prazer sexual são muito importantes numa relação. Porém os homens mencionam mais frequentemente ter um relacionamento “mais do tipo violento e atribuem maior importância ao prazer sexual na relação. Por sua vez, as mulheres referem ter um relacionamento “mais do tipo afectivo” e atribuem maior importância aos sentimentos e à comunicação num relacionamento amoroso. São ainda os jovens mais velhos que atribuem maior importância ao prazer sexual na relação.

Relativamente ao número de relações sexuais no último mês não foram encontradas quaisquer valores correlacionais significativos, o que revela a inexistência de uma relação entre o número de relações sexuais no último no mês e as atitudes e práticas sexuais.

Quanto às diferenças entre grupos que tiveram formação sobre sexualidade no ensino secundário ou não, os resultados não demonstram quaisquer diferenças no que toca às atitudes e práticas sexuais. Seria de esperar que ocorresse o contrário, no entanto não se tendo verificado podemos sugerir que na presente amostra a formação transmitida sobre o tema poderá eventualmente não ter sido adequada ou suficiente no sentido de impactar as práticas sexuais dos jovens, já que de acordo com a literatura a grande maioria considera que a educação sexual nas escolas é muito importante e que deve ser abordada nas escolas em particular através de acções/conferências por agentes externos, na disciplina de ciências naturais/biologia e nas áreas curriculares não disciplinares. Apesar da educação sexual poder ser integrada em vários espaços educativos, a realidade denota que a forma como tem vindo a ser abordada não é a mais correcta ou talvez a

mais eficaz, pois os jovens continuam a manifestar atitudes e comportamentos sexuais pouco saudáveis (Nodin, 2001; Vilar, 2003). A pesquisa bibliográfica efectuada sobre trabalhos realizados em Portugal e no estrangeiro levam-nos a considerar a hipótese de que grande parte dos programas de educação sexual têm vindo a ignorar um aspecto essencial na compreensão do modo como os rapazes e as raparigas percebem e experienciam a sexualidade, ou seja, a forma como o género e a cultura de classe, étnica, regional e local conferem determinados significados à sexualidade.

Relativamente à influência da zona habitacional dos jovens nas atitudes e práticas sexuais mais uma vez não foram verificados resultados significativos contrariamente ao que seria de esperar e de acordo com a literatura. Este resultado pode ser explicado pelo pequeno tamanho da amostra que não permitiu a detecção de uma diferença significativa entre os grupos. Adicionalmente é possível que se a análise tivesse sido efectuada com apenas dois grupos (zona habitacional rural e urbana) ao invés de três grupos (zona habitacional rural, semi-urbana e urbana) os resultados pudessem ter revelado a diferença expectável.

Para os resultados que se esperavam significativos (por exemplo, diferenças entre sexo e ano de faculdade quanto à dimensão PRA) a explicação para tal não ter ocorrido pode residir na própria natureza da amostra e nas práticas dos sujeitos e/ou no tamanho da amostra que impossibilitou a detecção de diferenças significativas.

Conclusão

Na fase final deste Projecto de Graduação, subordinado ao tema “Atitudes e Comportamentos Sexuais de Estudantes Universitários”, tentou-se abordar toda a temática à volta da sexualidade dos jovens, procurando ao longo desta investigação perspectivar o modo como estes a vivenciam, através da análise das suas atitudes e comportamentos sexuais.

Pode-se concluir que apesar de terem sido sentidas algumas dificuldades na elaboração deste projecto, foi bastante gratificante, possibilitando a aquisição de novos conhecimentos na área em questão.

Como futura profissional de saúde, este tema, é sem dúvida pertinente, polémico e controverso, estimulando na autora um constante interesse em estudar e aprofundar esta área.

O presente trabalho apresenta limitações, em particular o tempo para recolha de dados, o tamanho da amostra e o tipo de estudo. Contudo espera-se que esta investigação possa ter contribuído para a compreensão da sexualidade dos jovens, para a necessidade de se intervir urgentemente na prevenção de comportamentos sexuais saudáveis e de se reconhecer a sexualidade como um campo de estudo (nas universidades), uma dimensão humana a introduzir no meio escolar, ou uma dimensão humana importante na prestação de cuidados de saúde.

De acordo com os dados obtidos pode-se concluir que alguns dos objectivos em estudo foram atingidos com sucesso e outros ficaram em aberto. Tendo estes resultados em conta, propõe-se a continuação nesta área de estudo pois, em virtude da constante mudança e abertura da sociedade às problemáticas aqui estudadas, é pertinente que se mantenha uma actualização constante das tendências, mais especificamente.

Bibliografia

- Alferes, V, Encenações e comportamentos sexuais, para uma psicologia social da sexualidade, 2º Edição, Edições Afrontamento.
- Antunes, M., Dias, A., Marques, L., Ramalheira, C., Seabra, M., Educação da sexualidade no dia-a-dia da prática educativa, 1ª edição, Edição da casa do professor.
- Antunes, M. (2007), Atitudes e Comportamentos sexuais do ensino superior, Edição Formasau – formação e saúde, Lda.
- Análise psicológica , nº4 – (XXV), (2007), Issn 0870-8231.
- Áries, P., Béjnin, A., Veyne, Flandrin, J., Foucault, M., Fox, R., Goreau, A., Lafont, H., Olivieri, A., Pollak, M., Rossiaud, J. (1983), Sexualidades Ocidentais, Lisboa, Editora contexto.
- Barrosos, M., Fernandes, J., Sousa, L. (2006) Sexualidade na adolescência: análise da influência de factores culturais presentes no contexto familiar [Em linha]. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ape/v19n4/v19n4a07.pdf>. [Consultado em 17/06/2011]
- Borges, A., Camacho, I., Ferreira, C., Ferreira, M., Gaspar, T., Ramiro, L., Reis, M., Tomé, G., Veloso, S. Aventura Social (2010) Saúde Sexual e Reprodutiva, Estudantes do ensino superior [Em linha]. Disponível em http://aventurasocial.com/arquivo/1303147187_2bHBSC%20Universitarios%202010_11.pdf [Consultado em 17/06/2011]
- Camacho, I., Matos, M., Simões, C., Tomé, G. Aventura Social & Saúde (2010) A saúde dos adolescentes portugueses [Em linha] . Disponível em

http://aventurasocial.com/arquivo/1303144700_Relatorio_HBSC_adolescentes.pdf

[Consultado em 17/06/2011]

- Educação sexual em meio familiar - Linhas orientadoras 1ª edição (2000), Lisboa, edição ministério da educação, ministério da saúde.
- Ferreira, S., Leitão, F., Magalhães, S., Saveedra, L., Soares, D. IV Congresso Astur-Galaico de Sociologia (2007) Género y Sexualidad [Em linha]. Disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7278/1/17_Saavedra%20Magalhaes%20Soares%20Ferreira%20e%20Leitao_%20Genero%20cultura%20e%20sexualidade.pdf [Consultado em 17/06/2011]
- Fonseca, L., Soares, C., Vaz, M. (2003), A sexologia, Perspectiva multidisciplinar I, volume I, Editora Quarteto.
- Fortin, M (1999). O processo de Investigação: Da Concepção a realização. Loures, Lusociência.
- Fuertos, F. (1999), Para compreender a sexualidade, Lisboa, Associação para o planeamento familiar.
- Freitas, M. (1995) *O jovem adulto (a idade percebida)*. Vila real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Matos, M., Reis, M. (2007) Contraceção – Conhecimentos e atitudes em jovens universitários [Em linha]. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psd/v8n2/v8n2a05.pdf> [Consultado em 17/06/2011]
- Nodin, N. (2001), Os jovens portugueses e a sexualidade em finais do séc. XX, Lisboa, Associação para o planeamento da família.

- Nunnally, J. (1978), *Psychometric Theory* (2nd Edition). New York: McGraw-Hill.
- Pacheco, J. (2008). Sexualidade e Planeamento familiar. *Associação para o Planeamento familiar*. (Nº48/49 Janeiro/Junho 2008)
- Pacheco, J. (2009). Sexualidade e Planeamento familiar. *Associação para o Planeamento familiar*. (Nº52/53 Janeiro/Junho 2008)
- Pais, J. *Culturas Juvenis, imprensa nacional – casa da moeda*. Edições da INCM.
- PROJECTO DE LEI N.º ___/X ESTABELECE O REGIME DE APLICAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL EM MEIO ESCOLAR [Em linha]. Disponível em <http://www.portal.juventudesocialista.org/documentos/ProjectoLei%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Sexual%20-%20Vers%C3%A3o%20Final.pdf>
[Consultado em 17/06/2011]
- Razera, J.(2011) O desenvolvimento do educando como finalidade da educação: Revistando Kohlberg, *Psicologia e Sociedade*.
- Sampaio, M. (1987), *Biblioteca do educador, Escola e educação sexual*, Lisboa, Livros Horizonte
- Vilar, D. (2009). Educação Sexual em rede. *Associação para o Planeamento familiar*. (Nº5 Abril 2009)
- Vilar, D. (2008). Educação Sexual em rede. *Associação para o Planeamento familiar*. (Nº4 Outubro 2008)
- Vilar, D. (2008). Educação Sexual em rede. *Associação para o Planeamento familiar*. (Nº3 Janeiro 2008)

- Vilar, D. (2005). Educação Sexual em rede. *Associação para o Planejamento familiar*. (Nº1 Julho/Setembro 2005)

- Vilar, D. (2005). Educação Sexual em rede. *Associação para o Planejamento familiar*. (Nº2 Outubro 2005/Janeiro 2006)